

Criativos, Hein?!

*A mediação sensível num processo colaborativo cênico
para o despertar da autonomia discente*

Natan Carlos Raposo Duarte

PROPOSTA PEDAGÓGICA E DESCRIÇÃO CRÍTICA DO PROCESSO

**Salvador
2018**



Site oficial da pesquisa
www.criativoshein3.webnode.com



DUARTE, NATAN

PROPOSTA PEDAGÓGICA E DESCRIÇÃO CRÍTICA DO PROCESSO

Salvador, 2018.

119 f. : il

Orientador: Leonardo Jose Sebiane Serrano.

Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES -- Universidade Federal da Bahia, IHAC, 2018.

Anexo ao artigo: CRIATIVOS, HEIN?! - A mediação sensível num processo colaborativo cênico para o despertar da autonomia discente / NATAN CARLOS RAPOSO DUARTE. - - salvador, 2018. (Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES) -- Universidade Federal da Bahia, IHAC, 2018.

39 f. : il

Orientador: Leonardo Jose Sebiane Serrano.

1. Mediação sensível. 2. Autonomia discente. 3. Criação Colaborativa. I. Sebiane Serrano, Leonardo Jose. II. Título.

AGRADECIMENTO

A realização deste espetáculo não seria possível sem a efetiva participação de colegas, amigos e instituições parceiras...

Agradeço à minha mãe **Vera Raposo**, que sempre me atura e ajuda; aos amigos de toda hora, que brigo e me consolam, **Marcos Guimarães, Carlos Eduardo e Cristiane Araújo**; aos colegas do mestrado, em especial **Tatiana Sena**; à toda equipe da Cia BELUNA de Arte, principalmente ao chato **Rafael Charrete**, que ilumina corações; ao eterno físico **Alan Santos**, que sempre arranja tempo para registrar minhas loucuras; aos colegas da Escola Municipal Alfredo Amorim, principalmente **Patrícia Barral e Edlene Melo**, que usaram seus finais de semana e férias para ver essa peça acontecer; ao meu querido orientador **Leonardo Sebiane**, com quem me identifiquei 'de cara' e aprendi a admirar muito; ao amigo, ator e professor **Mércio Santana**, que ganhou o coração de todos da escola; à **Cassius Fabian**, pelos momentos de apoio; à equipe do Centro Cultural plataforma; aos membros do projeto Arte no Currículo **Débora Landim e Beth Rangel**, que se colocaram disponíveis mesmo quando parecia que não tinha jeito...

Deixei para o final o principal agradecimento... sem essas figuras loucas não haveria ***Criativos, Hein?***

OBRIGADO

ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL ALFREDO AMORIM

TURMAS DO NONO ANO DE 2016

ESSA VITÓRIA TAMBÉM É DE VOCÊS!

LISTA DE FIGURAS

	PG	
Imagen 1	Código QR – Site oficial	7
Imagen 2	Jogo ‘O ser animal’	37
Imagen 3	Quadro funcional	41
Imagen 4	Aula ensaio na sala multiuso	44
Imagen 5	Aula de maquiagem – 9º ano A	46
Imagen 6	Croqui de figurino	47
Imagen 7	Cartaz da peça	50
Imagen 8	Montagem de palco – Centro Cultural Plataforma	51
Imagen 9	Quadro-questionário	70
Imagen 10	Quadro comparativo ensaios x apresentação	76
Imagen 11	Roda de conversa	78
Imagen 12	FESTAC – Banner virtual	80
Imagens 13, 14, 15, 16, 17 e 18	Aulas-ensaio	105 / 106
Imagens 19, 20, 21, 22, 23 e 24	Ensaios extras	107 / 108
Imagens 25, 26, 27, 28 e 29	Aulas técnicas	109 / 110
Imagens 30, 31, 32, 33, 34 e 35	Bastidores / camarim	111 / 112
Imagens 36, 37, 38, 39, 40 e 41	Execução técnica	113 / 114
Imagens 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49 e 50	Encenação	115 / 117

LISTA DE TABELAS

	PG
Questão 1	55
Questão 2	56
Questão 3	57
Questão 4	58
Questão 5	59
Questão 6	60
Questão 7	61
Questão 8	62
Questão 9	63
Questão 10	64
Questão 11	65
Questão 12	66
Questão 13	67

SUMÁRIO

	PG
Apresentação	7
1. Proposta pedagógica	8
Período de execução	8
Objetivos	8
Público alvo	8
Componentes curriculares	9
Metodologia	9
Avaliação	10
Organização de conteúdos	11
Planos de aulas	13
Questionário avaliativo	27
2. Relato de experiência	28
Etapa 1 – Ações piloto	29
<i>Proposta de Montagem Cênica: do pré-texto ao texto</i>	29
<i>Personagens: quem somos nós?</i>	32
<i>Trilha Sonora: inspiração e prática</i>	33
<i>Temas e Cenas: do real à fantasia</i>	34
Etapa 2 – Processo de criação cênica	35
<i>Estudo teórico de temas transversais e específicos do teatro</i>	35
<i>Jogos dramáticos e teatrais</i>	36
<i>Improvisos e criação de cenas</i>	38
<i>Seleção de equipes de trabalho</i>	40
<i>Seleção de elenco</i>	42
Etapa 3 – Ensaios e execução técnica	43
<i>Aulas-ensaio</i>	43
<i>Criação de figurinos, adereços, cenário, maquiagem e trilha sonora</i>	45

<i>Registros</i>	48
Etapa 4 – Pré-estreia	49
<i>Ensaio geral</i>	49
<i>Criação de arte, site e divulgação</i>	50
Etapa 5 – Encenação	51
<i>Preparação de palco</i>	51
<i>Apresentação</i>	52
Etapa 6 – Avaliação	53
<i>Questões, tabelas e gráficos</i>	55
<i>Análise de resultados</i>	72
3. Curiosidades acerca do processo	73
Uma experiência sobre o desenvolvimento da autonomia	73
Percalços	74
Acidente no camarim	75
Comparativo visual: ensaio x encenação	75
4. Desdobramentos	77
Apresentação extra	77
Convite	77
Roda de conversa	78
Festival Estudantil de Artes Cênicas (FESTAC)	80
5. Considerações finais	82
Referências	83
Anexos	84
Roteiro da peça	85
Texto da peça	88
Fotos do processo e da apresentação	104

APRESENTAÇÃO

O presente documento é um anexo ao artigo *ESPETÁCULO ‘CRIATIVOS, HEIN?!’ - A mediação sensível num processo colaborativo cênico para o despertar da autonomia discente*, apresentado ao Programa de Mestrado Profissional Em Artes - PROFARTES UFBA para obtenção de título de mestre (Fevereiro de 2018).

A pesquisa realizada trata da prática pedagógica baseada na mediação sensível adotada na matéria Teatro durante o segundo semestre do ano 2016 a educandos de três turmas do nono ano do ensino fundamental II da Escola Municipal Alfredo Amorim, situada na cidade de Salvador, Bahia. Tal metodologia possuiu a finalidade de desenvolver a autonomia discente dentro de um processo cênico de experimentação e criação colaborativa que culminou na criação e encenação do espetáculo teatral ‘*Criativos, hein?!*’, com 45 minutos de duração

Este material relata as ações praticadas ao longo do período de realização da pesquisa (julho a dezembro de 2016), e está dividido em três partes:

1. *Proposta pedagógica* (onde apresento a sequencia didática de aulas de teatro aplicada);
2. *Relato de experiência* (onde descrevo como se deu a aplicação da *Proposta pedagógica*, comentando o processo);
3. *Curiosidades acerca do processo*;
4. *Desdobramentos* (onde comento sobre ações extras que ocorreram em decorrência da aplicação da proposta).

Imagens, vídeos e arquivos diversos podem ser visualizados no site do projeto, acessível a partir do código QR abaixo:

Imagen 1 – Código QR: Site oficial



<www.criativoshein3.webnode.com>

1. PROPOSTA PEDAGÓGICA

Proposta de execução de aulas de teatro durante um semestre letivo, com embasamento teórico de temas específicos e transversais ao teatro, e realização de jogos teatrais inspirados/adaptados das atividades sistematizadas por Augusto Boal (teatro do oprimido) e Viola Spolin, além de atividades outras, criadas com o objetivo de despertar o senso crítico, a destreza e a consciência cênica.

Período de execução

Dois bimestres letivos (40 aulas de 50 minutos)

Objetivo Geral

Desenvolver a autonomia do educando através de atividades teatrais que trabalhem a autoestima e a liderança, numa didática que valorize a construção coletiva do conhecimento através da prática da mediação sensível tendo como resultado do processo a criação e encenação de espetáculo cênico.

Objetivos Específicos

- Trabalhar a autoestima e o senso crítico e estético;
- Desenvolver aptidões;
- Fomentar discussão acerca de assuntos diversos da sociedade;
- Desenvolver a autonomia e a liderança;
- Valorizar o trabalho em grupo na construção colaborativa de espetáculo cênico;
- Experenciar exercícios e jogos teatrais;
- Trabalhar técnicas teatrais de interpretação, roteiro/texto, sonoplastia, cenografia, maquiagem, figurino e adereços;

Público Alvo

Educandos de nono ano do ensino fundamental II

Componentes Curriculares

Através de jogos teatrais se trabalhará no educando a consciência de si em relação ao outro e ao espaço, perpassando por noções éticas de respeito, numa perspectiva de desenvolver o senso crítico, a solidariedade e a compreensão de pertencimento, com foco na convivência social escolar; se focará também na identificação da discriminação e do preconceito, fazendo com que ele perceba a escala social, o sistema hierárquico e identifique fatores que geram desigualdade e violência dentro do ambiente escolar.

Ao final o educando deverá ser capaz de:

- Perceber-se enquanto indivíduo num contexto social escolar;
- Entender a correlação entre si e o mundo que o rodeia;
- Compreender a escala social e hierárquica, percebendo onde está inserido;
- Desenvolver o poder da crítica social e da solidariedade;
- Executar tarefas inerentes ao teatro;
- Conscientemente, gerir-se na realização de tarefas e atuar de maneira *liderante*.

Metodologia - Estratégia geral de aprendizagem

Aulas teórico-práticas num total de 100 minutos por semana. Nestas aulas acontecerão exercícios e jogos teatrais diversos a fim de praticar o foco, a atenção, o equilíbrio, a confiança, dentre outras habilidades, desenvolvendo a concentração, a prontidão e o poder criativo. As aulas não devem se restringir ao espaço físico da sala, devendo ocorrer eventualmente em outros ambientes da escola.

Ao final do primeiro bimestre espera-se que o *roteiro do espetáculo* da peça teatral esteja elaborado, desenvolvendo no bimestre seguinte atividades de criação de figurinos, adereços, maquiagem e trilha sonora, bem como ensaios para aprimoramento da peça.

Esporadicamente, os educandos poderão ter aulas com professores e artistas convidados, visando o desenvolvimento individual e aprimoramento de técnicas necessárias à criação da peça teatral.

É importante que o docente adote a postura de *medidor* durante o processo, criando vínculos e fomentando a construção colaborativa do espetáculo. Deve encarar o

discente como potencialmente capaz, respeitando seu interesse e sua capacidade de aprendizado. Deve ainda, oportunizar o desenvolvimento de aptidões através da diversificação de atividades, estabelecendo regras democráticas de convivência.

Uso aqui um texto de Pacheco, J. e Pacheco M, que ilustram esse pensamento:

O aluno deverá escolher o seu próprio caminho escolar, mas não pode confundir liberdade com a falta de responsabilidade ou com desresponsabilização. Autonomia com responsabilidade! [...] Muitos problemas de indisciplina estão relacionados com uma relação muito distante, fria entre aluno e professor. Se existir uma relação de respeito, o aluno percebe que existem barreiras que não pode passar. Ele percebe isso sem que o professor o diga. Somente é preciso que o sinta. Quando falamos em relação próxima [...] referimo-nos a uma relação construída em alicerces de respeito e admiração não forçada, que vai ganhando com o decorrer do tempo. [...] Não entendemos que um aluno é disciplinado quando ele está domesticado. [...], disciplina está relacionada com o crescimento pessoal do indivíduo. (PACHECO, J.; PACHECO, M., 2015, p. 42)

São momentos comuns a todas as aulas:

- 1) Prática de exercícios de relaxamento, alongamento e aquecimento
- 2) Realização de jogos teatrais, conectados a temas transversais.
- 3) Discussão coletiva acerca das atividades desenvolvidas no dia

Avaliação

Além do controle de frequência, a avaliação deve ocorrer de forma processual, observando o desenvolvimento individual do educando e o desenvolvimento coletivo da turma, percebendo principalmente se a estratégia de construção colaborativa do conhecimento fomenta a liderança e desenvolve a autonomia.

São pontos a serem observados no desenvolvimento individual:

- Desinibição;
- Socialização;
- Análise crítica e estética;
- Criatividade;
- Disponibilidade;
- Capacidade de resolver problemas;
- Liderança;

- Autonomia;
- Aptidão no fazer teatral (realização de atividades de interpretação, maquiagem, figurino, cenário, adereço, sonoplastia e texto).

São pontos a serem observados no desenvolvimento coletivo:

- Solução de problemas;
- Integração;
- Colaboração e respeito;
- Qualidade técnica dos ensaios;
- Qualidade estética das cenas do espetáculo;
- Resolução de conflitos.

Ao Término do processo se deve aplicar um questionário avaliativo a fim de mensurar o alcance da proposta.

Organização de conteúdos

Durante dois bimestres letivos o foco das aulas está na construção de espetáculo cênico. Os quadros a seguir apresentam resumo das etapas do processo de experimentação e criação, elencando as técnicas a serem desenvolvidas em cada etapa do processo.

- **Bimestre 1** - Total de aulas: 20, com duração de 50 minutos, cada.

Aula	Conteúdo	Carga horária
1 e 2	Levantamento de temas para o enredo / escolha do texto Levantamento de Personagens Improviso acerca dos personagens sugeridos	100 minutos
3 e 4	Levantamento de trilha sonora inspiradora Improviso cênico inspirado em músicas	100 minutos
5 e 6	Jogos de mímica corporal com foco na qualidade do movimento e exploração dos planos (alto, médio, baixo) Foco na criação de cenas mudas	100 minutos
7 e 8	Jogos com foco no espaço cênico Criação de cena com foco no cenário	100 minutos
9 e 10	Jogos com foco na construção de personagens, associados ao espaço e ao conflito cênico. Criação de cena com foco no personagem	100 minutos
11 e 12	Teatro do oprimido / teatro imagem Criação de cena com foco na opressão	100 minutos
13 e 14	Teatro do oprimido	100 minutos

	Criação de cenas com foco nas relações de poder / hierarquia	
15 e 16	Jogos com foco na expressão vocal – volume, tom, timbre Criação de cena com foco na voz	100 minutos
17 e 18	Criação de texto Criação de cena com foco no uso de adereços	100 minutos
19 e 20	Reexperimentação das cenas criadas durante o bimestre	100 minutos

- **Bimestre 2** - Total de aulas: 20, distribuídas em 10 encontros de duas aulas cada, mais encontros extras caso necessário.

As aulas do segundo bimestre da proposta pedagógica devem ser planejadas de acordo com as especificidades da peça a ser criada. O quadro abaixo apresenta sugestão de atividades para algumas ações pontuais, cabendo ao docente preencher as lacunas.

Aula	Conteúdo	Carga horária
21 e 22	Momento de avaliação do processo e auto avaliação	100 minutos
23 e 24	Definição de equipes de trabalho Experimentação das atividades específicas dos grupos de trabalho Ensaio de cenas	100 minutos
25 e 26	Jogos com foco no discurso / convencimento / pausa / silêncio Ensaio de cenas	100 minutos
27 a 30	Técnicas de maquiagem / desenho de figurinos, cenário, adereços e registro áudio visual. Ensaio de cenas	200 minutos
31 a 38	Construção de cenários, figurinos, adereços, etc. Divulgação Ensaio de cenas	400 minutos
Aulas extras	Foco no ensaio de cenas Apresentação da peça	Variável
39 e 40	Avaliação final Debate coletivo e aplicação de questionário	100 minutos

Plano de aula - Aulas 1 e 2 (100 minutos - Personagem)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Improvação Construção de personagem	Desenvolver o improviso Levantar personagens e situações típicas da escola	Questionar os educandos acerca dos tipos de estudantes que existem na escola (criar listagem no quadro). Fomentar discussão acerca destes <i>tipos</i> . Realizar jogos de aquecimento: Andar ocupando espaço; andar em grupos; andar sendo guiado por parte do corpo; andar como velho, criança, animal, etc. Improvisar, em duplas ou trios, criando situações que poderiam ocorrer no embate destes <i>tipos</i> sugeridos. Discutir sobre a dinâmica do dia.	Piloto / quadro branco	Observar o poder de percepção da turma acerca dos 'tipos' de educandos da escola; seu discurso acerca das características destes estudantes. Observar a disponibilidade dos educandos para com a proposta de improviso de cena, percebendo a criatividade e a qualidade interpretativa.

Plano de aula - Aulas 3 e 4 (100 minutos – Trilha sonora)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Improvisação Construção de personagem	Desenvolver o improviso Levantar trilha sonora norteadora do processo	Questionar aos educandos acerca de músicas que os representem. Criar lista no quadro. Fomentar discussão acerca dessas canções. Realizar alongamento e massagem com uso de trilha sonora. Improvistar cenas (inspiradas nas letras das músicas) de situações que ocorram em ambiente escolar Discutir sobre a dinâmica do dia.	Piloto / quadro branco / caixa de som / musicas em MP3	Observar o poder de percepção da turma acerca das situações que ocorrem na escola; Observar a disponibilidade dos educandos para com a proposta de improviso de cena, percebendo a criatividade e a qualidade interpretativa.
Obs. Solicitar que levem para o próximo encontro músicas em MP3 para utilizar durante os jogos cênicos.				

Plano de aula - Aulas 5 e 6 (100 minutos – Movimento)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Improvisação Mímica corporal Planos e níveis Velocidade e qualidade de movimento	Desenvolver o improviso Levantar personagens e situações típicas da escola Trabalhar o controle corporal Explorar os planos e níveis nas cenas	Discutir acerca das músicas levadas pela turma em MP3. Escolher músicas para tocar durante os exercícios. Realizar jogos cênicos que tenham como foco a exploração dos níveis e planos, bem como a velocidade e qualidade do movimento. Fomentar a formação de blocos. Explorar o equilíbrio. Improvistar criando cena muda. Criar cena de briga generalizada em câmera lenta. Discutir sobre a dinâmica do dia.	Caixa de som Músicas MP3	Observar a relação dos educandos para com as músicas selecionadas, de forma consciente (no discurso) e inconsciente (sua interferência durante os exercícios). Observar a qualidade de movimento (expressão corporal) e a capacidade de comunicação através do gesto.
<p>Obs. Solicitar pesquisa sobre <i>cenário</i>. Pedir imagem de cenário (filme, novela, teatro, desenho, etc.) para o próximo encontro.</p>				

Plano de aula - Aulas 7 e 8 (100 minutos – Cenário)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Improvisação Construção de personagem Equilíbrio Confiança Trabalho em grupo Cenário	Desenvolver o improviso Levantar personagens diversos Explorar o espaço cênico: objetos e cenários	Discutir acerca das pesquisas sobre cenário. Analisar fotos e criar hipóteses acerca dos roteiros. Realizar aquecimento com exercícios de equilíbrio e confiança (gangorra, João bobo, cego e guia, dentre outros). Realizar jogos de aquecimento com foco no uso do espaço explorando mobiliário da sala. Improvisar com uso de objetos comuns da escola (cadeiras, mesas, cadernos, etc), reconfigurando-os para criação de cenas diversas. Criar cena em grupos usando o corpo como objeto do cenário. Discutir sobre a dinâmica do dia.	Caixa de som Músicas MP3 Objetos comuns escolares Pesquisas realizadas pelos educandos	Mensurar a entrega das pesquisas e qualidade do debate. Observar o poder de abstração dos educandos ao ‘transformarem’ objetos comuns em objetos cênicos diversos, bem como a reconfiguração espacial para a realização das cenas.

Obs. Solicitar pesquisa (a ser entregue no próximo encontro) acerca de ‘personagem’. Pedir que descrevam na pesquisa um personagem de filme, novela, teatro, desenho, etc.

Plano de aula - Aulas 9 e 10 (100 minutos – Personagem)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Improvisação Construção de personagem e enredo Trabalho em grupo Ambiente cênico	Desenvolver o improviso Criar personagens em relação a situações diversas, em ambientes definidos Explorar o ambiente cênico: objetos e cenários	Discutir acerca das pesquisas sobre personagem Realizar jogos de aquecimento com foco na reconstrução corporal (executar os jogos escultor e escultura; espelhos; guia e guiado). Improvistar a partir de sugestões: ‘Quem? ’, ‘Onde? ’ e ‘O que?’ Discutir sobre a dinâmica do dia.	Caixa de som Músicas MP3 Objetos comuns escolares Pesquisas realizadas pelos educandos	Mensurar a entrega das pesquisas e a qualidade do debate. Observar a capacidade de desconstrução / reconstrução corporal e comportamental do aluno/personagem. Observar a capacidade de improviso e criatividade em grupo, na correlação entre espaço, personagem e enredo.
Obs. Solicitar pesquisa acerca de direitos humanos, constituição brasileira e opressão para o próximo encontro.				

Plano de aula - Aulas 11 e 12 (100 minutos – Opressão)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Improvisação Construção de personagem Construção de cena Teatro do oprimido – teatro imagem	Desenvolver o improviso Construir personagens Construir cenas Trabalhar a crítica social	Discutir acerca das pesquisas sobre opressão, direitos humanos e constituição brasileira. Realizar jogos de aquecimento com foco no teatro do oprimido (teatro imagem) Criar, em grupos, cenas de situações de desrespeito e opressão velada. Discutir sobre a dinâmica do dia.	Caixa de som Músicas MP3 Objetos comuns escolares Pesquisas realizadas pelos educandos	Mensurar a entrega das pesquisas e a qualidade do debate. Observar a capacidade de construção de personagens opressor / oprimido no contexto escolar.
Obs. Solicitar pesquisa acerca de gênero, classe social, etnia, religião e portadores de necessidades especiais para o próximo encontro.				

Plano de aula - Aulas 13 e 14 (100 minutos – Hierarquia)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Improvisação Construção de personagem Construção de cena Teatro do oprimido	Desenvolver o improviso Construir personagens Construir cenas Trabalhar a crítica social	Discutir acerca das pesquisas sobre diferenças de gênero, classe social, etnia, religião e portadores de necessidades especiais Realizar jogos de aquecimento com foco na exaustão (correr, pular, gritar) Improvisar situações acerca de diferença de comportamentos, crenças e valores, com foco nas relações hierárquicas da escola. Discutir sobre a dinâmica do dia.	Caixa de som Músicas MP3 Objetos comuns escolares Pesquisas realizadas pelos educandos	Mensurar a entrega das pesquisas e a qualidade do debate. Perceber a capacidade de criação de cenas e personagens, inspirados nas diversas pessoas que atuam no ambiente escolar: professor, aluno, diretor, servente, pais, etc.

Plano de aula - Aulas 15 e 16 (100 minutos – Corpo e voz)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Improvisação Construção de personagem Qualidade vocal	Desenvolver o improviso Trabalhar a voz do ator	<p>Contemplar trilha sonora por um período de tempo (apreciação artística) sem nenhum comando docente</p> <p>Realizar jogos de aquecimento com foco na voz (Jogo <i>alto-falante</i> - similar a AEIOU de Boal)</p> <p>Improvistar diversos personagens interagindo que possuam vozes diversas em tom, altura e timbre.</p> <p>Em grupos, selecionar alguns dos personagens experimentados de qualidade vocal singular e criar cenas de tema livre.</p> <p>Discutir sobre a dinâmica do dia.</p>	<p>Caixa de som Músicas MP3 Objetos comuns escolares</p>	Perceber a qualidade vocal experimentada e o poder de improvisação e construção cênica
Obs. Solicitar que os educandos levem adereços diversos e instrumentos musicais para o próximo encontro.				

Plano de aula - Aulas 17 e 18 (100 minutos – Texto e cena)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Improvisação Construção de personagem Construção de texto	Desenvolver o improviso Levantar personagens e situações típicas da escola Desenvolver o texto da peça Desenvolver música autoral para o espetáculo Trabalhar a voz do personagem	Discutir sobre as cenas que possam/devam existir na peça Repetir um compacto dos exercícios que trabalhem espaço, qualidade de movimento, personagem e voz. Em grupos, escrever fragmentos de texto de uma das cenas criadas que possam fazer parte da peça. Ensaiar e apresentar as cenas Discutir sobre a dinâmica do dia.	Caixa de som Músicas MP3 Objetos comuns escolares Instrumentos musicais dos educandos Adereços diversos dos educandos	Observar o desenvolvimento da peça; a disponibilidade dos educandos; e o despertar de lideranças.

Plano de aula - Aulas 19 e 20 (100 minutos – Peça)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Encenação Interpretação Ensaio de cena	<i>Vislumbrar</i> panorama geral da peça que está sendo criada	Relembrar o processo do bimestre com foco na peça que está sendo gerada. Realizar ensaio e apresentação de cenas da peça Comparar as cenas apresentadas e definir quais podem ou não fazer parte da mostra final Discutir sobre a dinâmica do dia.	Caixa de som Músicas MP3 Objetos comuns escolares Objetos levados pelos educandos	Observar o desenvolvimento da peça; a disponibilidade dos educandos; e o despertar de lideranças.

Plano de aula - Aulas 21 e 22 (100 minutos – Auto avaliação)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Auto avaliação	Perceber a consciência de si e do processo	Relembrar o processo do bimestre com foco na peça que está sendo gerada. Oportunizar momento de avaliação e auto avaliação em forma de debate coletivo		Perceber o grau de compreensão processual e de auto avaliação dos educandos
Obs. Informar aos educandos que na aula seguinte serão definidas as funções de cada um e montado grupos de trabalho, para que reflitam em casa sobre qual papel querem executar na peça (figurino, maquiagem, direção, etc.)				

Plano de aula - Aulas 23 e 24 (100 minutos – Equipes de trabalho)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Profissões do teatro	Montar as equipes de trabalho	<p>Discussão sobre as possibilidades de atuação no projeto</p> <p>Discutir sobre as responsabilidades de cada papel</p> <p>Montar equipes de trabalho</p> <p>Em grupos, traçar estratégias para execução das atividades</p> <p>Elucidar as funções inatas a cada profissão do teatro</p>		Perceber o comprometimento discente

Plano de aula - Aulas 25 e 26 (100 minutos – Subtexto)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Subtexto Eloquência no discurso Ação dramática Roteiro	Ensaiar a peça Desenvolver o poder de convencimento Explorar a pausa e a tensão dramática	<p>Realizar jogo explorando ‘a cena fora da cena’ (tensão dramática) – o jogador tenta contar algo que ocorreu em outro momento/local mas não consegue verbalizar.</p> <p>Realizar jogo explorando ‘venda do absurdo’ (convencimento) – o jogador tenta vender um objeto absurdo ao grupo de trabalho</p> <p>Ensaiar a peça</p>		Perceber a criatividade e a qualidade das improvisações

Plano de aula - Aulas 27 e 28 (100 minutos – Ensaio e execução técnica)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Ensaio, criação e uso de material cênico.	Ensaiar a peça Realizar atividades diversas para a execução da peça	Fomentar a realização de tarefas (desenho de cenário, figurino, adereços, ensaio de cenas, etc.) através do contato direto com os grupos		Perceber a criatividade e qualidade de improvisação e criação

Plano de aula - Aulas 29 a 30 (100 minutos – Ensaio e execução técnica)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Ensaio, criação e uso de material cênico.	Ensaiar a peça Realizar atividades diversas para a execução da peça	Fomentar a realização de tarefas: desenho de cenário, figurino, adereços, ensaio de cenas, etc., através do contato direto com os grupos Incentivar o papel de diretor	Inerentes à peça sendo montada	Perceber a criatividade e a qualidade dos trabalhos desenvolvidos

Plano de aula - Aulas 31 a 38 e aulas extras (400 minutos ou mais – Ensaio e execução técnica)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Ensaio, criação e uso de material cênico.	Ensaiar a peça Realizar atividades diversas para a execução da peça	Fomentar a realização de tarefas: cenário, figurino, adereços, ensaio de cenas, etc., através do contato direto com os grupos Ensaio sistemático da peça	Inerentes à peça sendo montada	Perceber a criatividade e a qualidade dos trabalhos desenvolvidos

Plano de aula – Aula extra – Apresentação

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Encenação teatral	Encenar a peça montada	Oportunizar que os discentes participem das atividades de montagem de palco e luz e que operem luz, som e vídeo Realizar encenação Proporcionar amplo debate após a encenação (ou em aula subsequente)	Inerentes ao espaço teatral	Perceber a qualidade da encenação, a destreza na execução de tarefas e o protagonismo. Através do debate perceber o grau de satisfação discente, pontuando sucessos e insucessos do processo.

Plano de aula - Aulas 39 e 40 (100 minutos – Avaliação)

Conteúdos	Objetivos	Metodologia	Recursos	Avaliação
Avaliação escrita do processo	Avaliar o grau de compreensão do processo acerca de: metodologia, participação individual e aprendizados.	Aplicar questionário avaliativo subjetivo.	Questionário impresso <i>* proposta de questões disponível na pagina seguinte</i>	Esta avaliação não diz respeito ao aprendizado discente, e sim ao plano adotado para que o docente perceba na escrita dos educandos se seus objetivos foram atingidos

Questionário Avaliativo (aulas 39 e 40)

Proposta de questões com a finalidade de avaliar o processo, o docente e o aprendizado:

01. Como surgiu a ideia de montar uma peça teatral?
02. De início o que você achou da ideia de montar uma peça?
03. Como surgiu a história da peça?
04. Como surgiu o título da peça?
05. Qual foi a sua função e colaboração na peça?
06. Você teve medo em algum momento? De quê?
07. Que problemas surgiram enquanto montavam a peça?
08. Como os problemas principais foram resolvidos?
09. Você acha que hoje você está mais confiante para encarar desafios? Por quê?
10. Você participaria de outra peça? Por quê?
11. Você acha que depois de participar dessa peça você entende mais de teatro do que antes?
Por quê?
12. Para você quais foram os principais aprendizados em participar deste projeto?
13. Comente um pouco sobre a maneira de o professor ensinar e se relacionar com a turma.
Explique como ele age e expresse a sua opinião.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

A metodologia aplicada teve por característica a delegação de responsabilidades para os educandos, tornando-os os principais responsáveis pelo processo da montagem da peça *Criativos, hein?!*, assumindo as funções de elaboração de texto, escolha de trilha sonora, criação de cenários, figurinos, adereços, dentre outros. Ocorreram ensaios sistemáticos durante as aulas regulares, em contra turno escolar (período extra ao tempo pedagógico curricular), em finais de semana e feriados. O desenvolvimento da autonomia discente foi o foco em todos os níveis do processo, perpassando pelo fortalecimento do protagonismo e a emancipação social e afetiva do educando.

Meu pensamento pedagógico, que se reflete em minha prática docente, muito se assemelha ao depoimento de uma professora não identificada que cedeu entrevista a José Pacheco e Maria de Fátima Pacheco no livro ‘Escola da Ponte – Uma escola pública em debate’. Diz a professora:

O fato de os educandos terem a liberdade responsável de escolha das tarefas a realizar, de se promover a aprendizagem pela descoberta e uma perspectiva construtivista do conhecimento leva a que as aprendizagens se tornem significativas. Desse modo, os educandos desenvolvem a motivação intrínseca para a aprendizagem, para se tornarem cidadãos autônomos, solidários e ativos. (PACHECO, J.; PACHECO, M., 2015, p. 143)

Compactuo com seu pensamento de que a autonomia é construída a partir das experiências, sendo a liberdade uma relação entre a vontade pessoal e o contexto social em que se insere o indivíduo. Desta forma o aprendizado é significativo quando faz sentido e é vivenciado. A metodologia pautou-se na mediação sensível dos saberes e na construção colaborativa do espetáculo.

Dentre as estratégias pedagógicas aplicadas neste processo, destaco:

1. O embasamento teórico de temas específicos e transversais ao teatro, realizado através de pesquisas extraclasse com posterior debate coletivo;
2. A prática de exercícios e jogos teatrais, correlacionados ao tema teórico estudado ou à cena da peça a ser criada;
3. As Improvisações e a criação de cenas;
4. Os debate ao final de cada aula acerca do conjunto de atividades ocorridas no dia;
5. Os ensaios sistemáticos da peça.

A forma como ocorreram as etapas do processo seguiu a ideia de que nenhum conhecimento é estanque, que ele se completa na relação de saberes e que por isso é uma construção coletiva. Durante as aulas, atividades de pesquisa extraclasse eram socializada em forma de debate antes do início da prática dos exercícios e jogos propostos para o encontro. As pesquisas abordaram temas específicos ao fazer teatral (como figurino, cenário e personagem) e também transversais ao teatro (como direitos humanos, preconceito, hierarquia, dentre outros), e serviram como ponto motivador da criação cênica.

Ao término de cada encontro ocorreu avaliação coletiva do processo que estava sendo desenvolvido, onde comentávamos acerca das atividades desenvolvidas no dia e o acumulado até o momento. A auto avaliação foi uma prática executada periodicamente, pois considero ser ela base para o processo emancipatório e o desenvolvimento da autonomia. Pacheco, J. e Pacheco, M. (2015) defendem que é através dela que o indivíduo pode dimensionar se os objetivos foram ou não alcançados:

É justamente por ser uma atividade complexa que a auto avaliação precisa ser praticada constantemente. [...] É uma prática cotidiana, que ensina a necessidade de reflexão no processo de construção do conhecimento. (PACHECO, J.; PACHECO, M., 2015, p. 33)

Apresento aqui as etapas deste percurso pedagógico, salientando que não ocorreram de maneira linear como aqui expresso. A organização adotada leva em consideração a limitação da representação gráfica bidimensional de um processo fluido, onde por muitas vezes as etapas se transpuseram.

Etapa 1 – Ações Piloto

Proposta de Montagem Cênica: do pré-texto ao texto

Em 2014, quando lecionava em outra escola, montei o espetáculo *Memórias do Sertão*, com educandos do ensino fundamental I, resultado da parceria entre a Escola Municipal Carmelitana do Menino Jesus e minha companhia artística, a Cia BELUNA de Arte, que havia ganhado edital para a realização de oficinas artísticas em teatro, dança, música e artes visuais, prevendo culminância em formato de mostra cênica. Propus parceria com a escola, e os educandos de lá passaram a frequentar as oficinas da BELUNA. Ampliamos a proposta, e ao invés de mostra cênica, criamos um espetáculo infanto-juvenil

que realizou apresentações em três teatros da cidade. Neste mesmo período a Secretaria de Educação do Município de Salvador solicitou minha transferência para a Escola Municipal Alfredo Amorim, onde atuaria com o ensino fundamental II. Resolvi iniciar minhas atividades nessa escola convidando os educandos a assistirem a montagem em cartaz. Prometi a eles que um dia iríamos montar uma peça e também a apresentaríamos em prédio teatral. Não foi então novidade a forte aceitação por parte dos discentes quando, dois anos depois, lhes fiz a proposta de criação de um espetáculo de teatro. Conversei com eles a respeito dessa possibilidade ainda durante o primeiro semestre de 2016, para sondar o grau de interesse das três turmas de nono ano que fariam parte do projeto.

Ao iniciar o terceiro bimestre letivo, levei a eles o ‘plano de trabalho’, uma síntese da *sequência didática*. Expliquei-lhes os objetivos, como ocorreriam as etapas do processo e deixei livre a decisão de integrar ou não o quadro técnico, que contaria com atores, diretores, maquiadores, dentre outras funções. Expliquei ainda que aqueles que não se sentissem motivados a cumprir estas funções automaticamente iriam para a *equipe de apoio*, destinada a realizar os registros das atividades, bem como seriam o suporte teórico, afetivo e prático dos membros dos demais grupos, auxiliando no que fosse necessário.

Conversei com eles acerca da criação de uma peça que traduzisse a realidade em que se inseriam. Apresentei a proposta de encenarmos uma adaptação do roteiro ‘ABC – uma aula em busca da cidadania’, enredo que utilizei no ano 2012 numa mostra de conclusão de curso, quando trabalhei na Secretaria de Desenvolvimento Social na cidade de Camaçari (Bahia) em parceria com a Escola Municipal Eustáquio Alves Santana e com o programa do governo federal ‘Mais Educação’.

‘ABC’ foi uma pequena peça de aproximadamente 20 minutos, criada e encenada com 12 estudantes do programa ‘Mais Educação’. Seu enredo girava em torno de uma classe desordeira de uma escola fictícia onde um professor de postura pedagógica tradicional era substituído por outro que propunha uma nova abordagem metodológica de ensino. ‘ABC’ foi recheada de fatos inerentes à realidade daquela comunidade, mas que por teatralizar o ambiente escolar poderia servir de base para um projeto metodológico de se ensinar teatro através do teatro, correlacionando o texto à realidade local, fazendo com que a história narrada no palco fizesse sentido para os educandos envolvidos. Desta forma, o teatro poderia funcionar também como catarse, como uma tela de apresentação para a comunidade, familiares e profissionais da educação *que veriam e ouviriam através das lentes da arte* os pensamentos e os anseios dos estudantes. Seria também essa história útil como fio condutor

para a aplicação de métodos como a mediação sensível dos saberes e a construção colaborativa do espetáculo, visando o desenvolvimento da autonomia discente.

Contei a eles sobre minha experiência com esta peça, e ao término da narrativa a maioria deles queria representar uma história que contasse sobre o percurso de suas vidas na escola. Assim, ‘ABC – Uma Aula em Busca da Cidadania’ foi o *pré-texto* que embasou o espetáculo *Criativos, hein?!*.

As cenas/conflitos principais do enredo eram:

- A existência de uma turma escolar muito bagunceira e desrespeitosa;
- A substituição de um professor por outro que desenvolve em sala uma nova abordagem metodológica;
- A elaboração de um plano por parte dos estudantes para prejudicar as aulas, no intuito de expulsar o novo professor;
- O fortalecimento das relações afetivas entre discentes e docente;
- Uma reunião de pais, abordando temas inerentes ao universo escolar;
- O uso de drogas na escola;
- A proposta de realização de um festival de arte em substituição à avaliação comum – teste e prova;
- A demissão do novo professor, e o retorno do antigo docente;
- O cancelamento do festival de arte;

Os discentes propuseram outras cenas/conflitos, tais quais: romance, fofoca, discussão sobre sexualidade e gênero, demonstração de variados estilos e gostos musicais, morte em decorrência da violência urbana, inclusão de educandos portadores de necessidades especiais, abuso de autoridade e demonstração de comportamento, como timidez e arrogância.

Cogitamos um cronograma com prazos para a criação de cenas, estudos teóricos, construção de personagens e criação de cenários, figurinos e adereços, dividindo as *tarefas* em dois momentos macro: um bimestre para a criação das cenas da peça e estudos teóricos e um bimestre para o ensaio das cenas e criação de cenários, figurinos, adereços, dentre outros. Prevemos estrear a peça ao final do mês de novembro e passamos a pensar nas aulas como ensaios de um espetáculo.

Personagens: quem somos nós?

Como a peça narraria um ano letivo de uma turma escolar, os personagens a serem criados deveriam representar a realidade estudantil. Convidei as turmas a discutir quais personagens integrariam a história. Ao apresentar o *pré-texto* eu lhes comentei acerca da existência de quatro personagens ‘adultos’: *Professor Tradicional*, *Novo Professor*, *Diretor* e *Servente*. Estes personagens representariam a *macro esfera* no que diz respeito à relação de classes, hierarquia e pensamento pedagógico. Caberia aos discentes pensar e definir quais seriam os personagens *educandos* que representariam a *micro esfera*. O primeiro passo foi discutirmos sobre os *tipos* de estudantes que são facilmente perceptíveis na escola, tanto no que tange suas características físicas, quanto no que tange seus comportamentos, que por sua vez refletem seus pensamentos e emoções. Esta dinâmica foi reproduzida nas três turmas de nono ano, gerando, em cada uma delas, um quadro com os *tipos* que estudavam na Escola Municipal Alfredo Amorim. A cada *tipo* apontado, os estudantes associavam o comportamento a colegas específicos, como: “Tem o calado, tipo João” (exemplo fictício usado apenas para ilustrar a ideia). Toda vez que alguém era citado a turma gerava um debate sobre tal comportamento, muitas vezes tentando discutir as razões que levavam este ou aquele estudante a agir de determinada maneira. Por vezes o discente citado retrucava a afirmativa sobre ele, o que ocasionou ricas discussões sobre como a forma de ser e agir gera uma leitura do outro para conosco, às vezes desenvolvendo uma visão antagônica àquela que pensamos transmitir.

O interessante nesta dinâmica foi o fato de se proporcionar um ambiente saudável e respeitoso onde a turma pôde falar uns dos outros, muitas vezes revelando pela primeira vez os motivos de determinados educandos se identificarem mais com uns do que com outros, repelindo alguns dos grupos de amizade ou mesmo dos grupos formados para a realização de trabalhos acadêmicos. Gerou-se a possibilidade de reflexão sobre o próprio modo de ser e pensar, bem como momento de desconstrução de alguns ‘pré-conceitos’. O momento também foi aproveitado para aconselhamento, onde alguns estudantes sugeriram mudança de comportamento, a fim de que a aparência pudesse de fato traduzir o pensamento de cada um no seu dia-a-dia.

Na atividade, vários dos *tipos* citados foram similares nas três turmas: O *roqueiro*, a *pagodeira*, o *calado*, a *fofoqueira*, o *filão* (aquele que foge às aulas), o *CDF* (aquele que se dedica aos estudos), a *piriguete*, o *pegador*, o *BV* (Boca Virgem, aquele que nunca namorou), o *briguento*, a *lésbica*, o *gay*, o *bagunceiro*, dentre outros. Notei que a discriminação por

gênero era latente, já que o comentário acerca da *piriguete* era negativo e o comentário acerca do *pegador* era positivo; também foi citado ‘a’ fofoqueira, como se só meninas falassem dos outros nas rodas de conversa. Aproveitei o ensejo para discutir com eles sobre como estão enraizados em nossa cultura alguns comportamentos que são associados automaticamente ao ser masculino ou ao ser feminino, e mesmo quando o comportamento é similar, a reação social para com o homem é diferente de para com a mulher. Depois disso, a turma resolveu que os personagens criados iriam desconstruir alguns preconceitos e estereótipos, como *o gay* que não seria discriminado independente de seu trejeito; o *roqueiro* que seria uma menina; a *lésbica* que não teria trejeitos masculinizados; e a *professora nova* que seria um homem.

Nesta etapa inicial nem as cenas, nem o texto, nem quem faria cada personagem estava definido. Os estudantes sabiam que tudo isso seria construído ao longo do processo, aula após aula, num trabalho constante. Sabiam também que se mais de um deles quisesse representar determinado personagem na peça deveria se dedicar, e que em caso de necessidade eles seriam avaliados pela turma numa audição, dentro de um exercício de improvisação de cena, para se escolher qual discente representaria qual personagem na história.

Trilha Sonora: inspiração e prática

Creio que a memória emotiva é um ótimo recurso usado no teatro. As lembranças podem estimular a criação de um personagem, de uma cena ou mesmo de um espetáculo. Dentre os estímulos que podem ser usados para o despertar da memória emotiva a música é um dos mais potentes. Ostrower diz que:

Ocorrem momentos em nossa vida, momento conscientes, pré-conscientes, inconscientes, de grande intensidade emocional. Eles podem induzir em nós novas forças, estimular todo nosso ser, trazer novas ideias, reorientar-nos na vida. Podem oferecer propostas de trabalho, hipóteses de ordenação. (OSTROWER, 2009, p. 73)

Acreditando nisso, após termos definido que encenaríamos uma peça acerca das relações existentes no ambiente escolar e pensarmos nos personagens do enredo, instiguei os educandos a sugerir músicas que pudessem ser utilizadas como trilha sonora da peça, ou usadas como fonte de inspiração na criação de texto e cenas. Estimulei-os a pensar para além do óbvio, através de questionamentos acerca de qual músicas de alguma forma marcou suas vidas e o porquê disso. Quando algum deles sugeria um título, ou um intérprete, eu

perguntava sobre os motivos que o levaram a gostar de tal música, abrindo o debate para toda a classe. Dessa forma, não só discutimos sobre as emoções conectadas à trilha sonora como interpretamos suas letras. A exemplificação de músicas passou a se ampliar de maneira exponencial, e o tempo entre a indicação de um título e outro foi cada vez mais ficando menor. Isso demonstrou como o diálogo e a liberdade de expressão fomentam a memória e a criatividade, estratégia que considero ser mais eficaz do que a ‘demonstração’ dos assuntos, visto que a construção do saber de maneira coletiva aproxima os educandos do aprendizado.

Os discentes envolvidos nesta ação sugeriram músicas de autoria ou interpretação de Capital Inicial, legião Urbana, Lulu Santos, Pitty, dentre outros, que tratam de temas sociais em suas letras. Tais músicas foram usadas durante as aulas em momentos de exercícios e jogos teatrais. Acredito que o contato às vezes consciente e às vezes inconsciente com a trilha musical induziu o formato da montagem, ou seja, a forma dada às ideias, bem como a conexão entre elas foi influenciada pela trilha sonora escolhida.

Temas e Cenas: do real à fantasia

Da peça existia apenas o *pré-texto* inspirador. Seria necessário preencher a história com fatos que traduzissem a realidade dos estudantes da Escola Municipal Alfredo Amorim. Para tanto repetimos a dinâmica de debate, listando fatos marcantes que já ocorreram na escola a fim de levantar ideias para a construção das cenas. Os educandos narraram histórias desde brigas corriqueiras até casos que motivaram suspensão de educandos, perpassando por namoro no banheiro, fofocas, situações em que se sentiram oprimidos pela direção ou por professores, dentre outras. Dialogamos sobre quais destas situações poderiam compor a peça. Quiseram focar na relação interpessoal entre a direção escolar e os educandos, que, segundo diziam, era mais de comunicar ao invés de conversar. Também queriam criar um casal enamorado onde o personagem *bagunceiro* se apaixonaria pela personagem *CDF* mas, apesar de criada, a cena foi descartada do roteiro final. Outra cena que foi ensaiada mas não permaneceu foi a que apresentava uma ameaça de um grupo desordeiro para com um educando que sofria *bullying* na escola. A cena criada saiu, mas o *bullying* permaneceu em outro contexto.

Dos ‘fatos reais’ que deveriam ser levados à cena, me chamou a atenção os educandos defenderem que deveria haver *morte* na peça. Eles narraram a violência urbana existente nos bairros adjacentes à escola e queriam que de alguma forma isso fosse mostrado no palco.

Essa cena foi uma das últimas a ser criada, havendo várias versões até se chegar à cena apresentada.

Trabalhando em grupos, os educandos elaboraram listas contendo alguns detalhes do funcionamento da escola que eles achavam que deveriam estar presentes no espetáculo, como a sirene que toca a cada início e término das aulas, a sujeira e a desordem que fica nas salas após o término do turno escolar, o atraso de educandos, a falta de professores, a má qualidade do lanche oferecido, dentre outros fatos que muitas vezes passam despercebidos.

Etapa 2 – Processo de Criação Cênica

Estudo teórico de temas transversais e específicos do teatro

Visando o embasamento teórico dos discentes, selecionei assuntos que poderiam servir como propulsores de reflexão e criatividade. A dinâmica seguiu uma prática que adoto para todas as turmas: ao final de algumas aulas, solicito pesquisa para ser entregue na aula seguinte. A pesquisa deve ser escrita em aproximadamente meia página do caderno (cerca de 15 linhas), sem a necessidade desta folha ser destacada e entregue ao professor. Nas datas marcadas eu, seguindo ordenamento alfabético no momento da chamada discente, pontuava as pesquisas, anotando quais educandos as realizaram. Esta anotação serviu como parte da nota da unidade, que se compunha de pesquisas feitas, execução de atividades práticas em sala e auto avaliação. Após tal verificação, discutimos acerca dos assuntos. A prática consistia em alguns educandos (selecionados por mim ou voluntários) lerem e comentarem suas pesquisas, iniciando debate coletivo (nessas atividades cada discente possuía a liberdade de fazer seu próprio recorte do tema).

Os temas transversais estudados foram: direitos humanos, preconceito, hierarquia, opressão e discriminação. Como estímulo para debates de temas específicos ao teatro solicitei análise da peça ‘Hermanoteu na terra de *Godah*’ e do seriado americano ‘*Face Off*’ (ambos assistidos pelos educandos através da *internet*). Os temas teóricos específicos trabalhados foram: figurino, cenário e personagem. Pela dinâmica da escola, cada uma das três turmas envolvidas no projeto cumpriram as demandas em prazos variados. Percebi que os educandos se interessavam mais nas pesquisas específicas, dando menos importância a entrega das pesquisas de temas transversais. Contudo, as discussões dos temas transversais ao teatro eram mais *acaloradas*. Por exemplo, na pesquisa sobre figurinos o debate não envolveu a história do vestuário ou uso de figurinos nas artes. As pesquisas foram superficiais e repetitivas

(cópias) e o debate se restringiu a ideias de como poderia ser o figurino da peça que estava sendo montada. Eu sempre tentava associar a discussão à escola e à peça, como no que se refere às pesquisas sobre direitos humanos, preconceito e discriminação, onde eu os incentivei a reconhecer sinais de violação dos direitos ou de discriminação na escola.

Esses assuntos teóricos, específicos e transversais ao teatro, foram *diluídos* nas aulas. Não ocorreu um embasamento teórico dissociado da atividade prática, já que ambos ocorriam diariamente. E mesmo quando não havia pesquisa obrigatória solicitada por mim, alguns educandos propunham discussões, como numa aula em que um estudante resolveu discutir a mudança do ensino médio no país, proposta do governo federal que estava em destaque na mídia na ocasião. Creio que esta discussão contribuiu bastante para algumas mensagens subliminares que existem na peça ‘Criativos, hein?!’, como a cena em que um dos personagens se volta para o público, numa quebra de quarta parede, e afirma que precisa ser escutado.

Jogos dramáticos e teatrais¹

Não muito diferente do que já aplico nas classes durante as aulas de teatro, as três turmas de nono ano participaram de atividades (exercícios) de alongamento, aquecimento e relaxamento. Apesar de estar executando uma pesquisa de mestrado, foi necessário continuar dando atenção a algumas atividades que trabalhassem entrosamento, concentração, desinibição e imaginação. Chalita exemplifica com o filme Janela da Alma, que possui roteiro de João Jardim, sobre coisas que são invisíveis aos olhos, e transcreve o relato do neurologista Oliver Sacks que diz: “O ato de ver e de olhar... não se limita a olhar para fora, não se limita a olhar o visível, mas, também, o invisível. De certa forma, é o que chamamos de imaginação” (SACKS, apud CHALITA, 2014, p. 85).

Uma frase que ouvi de um ex-educando de 19 anos, em 2015, durante uma conversa informal, me motiva a defender que o afeto tem papel fundamental nas relações. Na ocasião falávamos sobre aulas de teatro e criação de personagem, relacionando a empatia existente entre discente e docente com o aprendizado. Sobre a construção de personagem ele disse: “É mais fácil você aceitar as coisas quando você deixa o sentimento se expressar por si só” (Hérides Santos). Foi neste momento que comecei a refletir sobre a livre expressão durante a criação de um personagem. Que nos jogos teatrais na escola ela deve ser explorada antes do

¹ Uso o termo *Jogo Dramático* como sendo o exercício de improvisação cênica sem a intencionalidade de exibição para uma plateia, enquanto que *Jogo Teatral* como sendo aquele que possui tal intencionalidade.

aperfeiçoamento de técnicas cênicas. Sônia Rangel fala sobre esse ser manifestado durante *o jogo*, valorizando a necessidade deste momento criativo para o fazer artístico: “Mas é nos domínios do próprio jogo, que é uma função da vida e que não é passível de uma definição satisfatória em termos lógicos, biológicos ou estéticos, que o homem se cria [...]” (RANGEL, 2009, p. 111). Ela cita os estudos de Erich Neumann como base teórica de suas conclusões: “Quando, no entanto, irrompe um jato de um componente emocional, surge uma torrente libidinal de interesse, e novas constelações e novos conteúdos psíquicos são postos em movimento”. (NEUMANN, 1995 apud RANGEL, 2009, p. 110).

A maioria dos estudantes havia sido meus alunos em anos anteriores, e apenas um pequeno número estava estudando comigo pela primeira vez, sendo que alguns deles nunca antes haviam estudado teatro na escola, assistido a uma peça ou mesmo participado de aulas interativas onde o conhecimento é desenvolvido de maneira coletiva e colaborativa. Por vezes propus exercícios e jogos com o intuito de desenvolver a criatividade, sem direta conexão com o enredo da peça.

Um dos jogos realizados foi o da “venda do absurdo”. Nele (realizada no segundo bimestre de execução do projeto), um ‘jogador’ tentava vender algo absurdo aos demais. Esta atividade serviu para ativar a criatividade e a desinibição, bem como trabalhar a eloquência do discurso.

Sugeri exercícios que proporcionassem a desconstrução corporal e o deslocamento ereto, como ‘O ser animal’, em que eles imitaram animais (demonstrado na imagem a seguir):

Imagen 2 - Jogo ‘O ser animal’



Fonte: Arquivo pessoal

Num outro exercício os estudantes tiveram que andar aleatoriamente pela sala, ocupando todo o seu espaço, e ao meu comando deveriam se deslocar como se parte

específica do corpo os puxasse, como o nariz ou a orelha. Também explorei com eles o uso dos níveis (alto, médio e baixo) durante o deslocamento. Em outro exercício o que mudou foi a velocidade do movimento, ora normal, ora rápido, ora lento. Ao se trabalhar as diferentes velocidades, níveis de altura e forma de deslocamento, eu preparava a turma para uma cena que havia idealizado, a ‘briga generalizada’, motivo pelo qual o novo professor seria demitido da escola. Essa cena foi representada em câmera lenta, por dois motivos: o primeiro e mais importante, visou à segurança do elenco. Por serem estudantes e não profissionais do teatro, eu temia que os ânimos se elevassem durante a cena, que teria quebra de cadeiras, e alguém se machucasse. O segundo motivo visava uma qualidade estética diferenciada, causando um maior enfoque a esse momento do espetáculo.

Outro jogo realizado foi o de ‘tensão dramática’. Neste, os jogadores deveriam segurar a tensão num momento de revelação. Um participante ia ao encontro de um determinado grupo pronto para dar uma notícia, mas, apesar do esforço, ele não conseguia verbaliza-la. Esse exercício mudo visou trabalhar nos educandos a expressão corporal e facial, dando-lhes o entendimento de que nem sempre as coisas ocorrem no palco, ou que em alguns momentos cabe ao público deduzir parte do enredo ao invés de lhes ser tudo apresentado fácil e gratuitamente. Tal atividade foi feita no segundo bimestre, como *aquecimento* para o ensaio da cena *Morte* (quando os educandos recebem a notícia da morte do colega).

Pude observar que quando executava jogos que não eram construção de cena o grupo reagia de maneira impaciente. Alguns chegavam a se isolar na sala para debater a peça em si, por não compreender a relação da prática destas atividades com a realização do espetáculo. Considero que foi importante a empatia já consolidada entre mim e as turmas, para que houvesse confiança na condução das aulas. Sempre que eles me questionavam, ou diziam coisas como “vamos logo começar o ensaio porque a aula vai acabar” eu respondia que estávamos ensaiando, e que deveriam confiar no processo.

Improvisos e criação de cenas

Com o passar dos dias o espetáculo foi *ganhando forma*, e o texto (ver página 88) foi sendo criado concomitantemente às improvisações das cenas. Algumas atividades propostas eram diretamente relacionadas à criação de cenas para o espetáculo. Uma das primeiras foi o improviso acerca da chegada da turma na sala de aula. Combinamos que os personagens *alunos* deveriam chegar à sala expressando sua personalidade, alguns bagunçando, outros

tímidos, alguns juntos e outros solitários. O local que cada personagem ocuparia na sala (cenário) foi mudando conforme as cenas eram criadas e conforme ocorriam os ensaios, visto que descobertas acerca da movimentação cênica eram feitas. O ensaio dessa cena nas três turmas de nono ano apontou algumas similaridades, tais quais: O personagem *CDF* nos três casos foi o primeiro a surgir em cena, sentando-se na frente, próximo à mesa do professor. Em nenhuma das três turmas o personagem *bagunceiro* apareceu sozinho. Sempre era um grupo de estudantes que entravam arrastando cadeiras, mexendo com os demais personagens que já estavam em cena, e sempre sentavam ao fundo.

Em seguida, criamos a sequência de ações que se estendiam até o enfarto da *Professora de pedagogia tradicional*: Sua entrada, a discussão entre ela e os educandos, sua forma de lecionar, a briga em sala e o enfarto. Essas ações foram surgindo nos improvisos e a sequência dramática ganhou forma com o decorrer das aulas. Vale salientar que até então as três turmas ensaiavam a mesma peça separadamente, cada uma criando as cenas à sua maneira. Por vezes estudantes de uma sala iam ver a aula da outra a fim de comparar a criação entre ambas. Isso gerou um clima saudável de rivalidade, onde cada sala queria criar cenas mais detalhadas sobre o mesmo tema.

Depois de concebidas as cenas iniciais, trabalhei com os educandos ritmo musical a fim de gerar a cena em que o diretor dá a notícia aos educandos da substituição da professora adoentada. Minha ideia foi demonstrar aos estudantes que o teatro supera a barreira da realidade e que podíamos explorar várias possibilidades na criação cênica. Combinamos em enxertar na peça cenas musicadas inspiradas nas séries da tv ‘Chiquititas’, ‘Rebeldes’ e ‘High School Musical’. Foi nessa cena que ocorreu a primeira proposta de modificação espacial do cenário e as cadeiras, até então voltadas para a lousa e para a mesa da professora, foram repositionadas em formato de *meia-lua*, com abertura direcionada ao público, e as falas foram permeadas de performances.

Acredito que o ensaio sequencial das cenas pode inibir a criatividade uma vez que a criação de dada cena fica condicionada à cena anterior, e assim por ela *poluída*. Por isso, as cenas subsequentes foram criadas e ensaiadas fora da ordem cronológica da peça. O intuito foi fazer com que os estudantes se dedicassem a cada cena independente de sua posição no roteiro. Possibilitar que os educandos criassem as cenas e somente depois criassem as estratégias necessárias para a conexão das mesmas favoreceu o desenvolvimento criativo espontâneo e o pensamento racional pois, o sujeito se afastou do objeto de estudo para tentar compreendê-lo.

Na peça, uma das cenas mais difíceis de ser criada foi a morte de um aluno. Essa cena não foi gerada em aulas de improviso e criação cênica. Seu contexto foi amplamente discutido, e as ideias foram *alinhas* antes da encenação. No enredo, essa morte se relaciona a uma situação de *bullying* onde se retrata a ignorância do professor perante o assunto. Na sequência de ação, a vítima se irrita com os colegas de classe e com o docente pela sua passividade, saindo desorientado da escola e falecendo em cena externa ao palco, vítima de um assalto. O que se apresentou ao público foi o momento em que os *educandos* receberam a notícia da morte do colega. A particularidade dessa cena foi o uso de vídeo-projeção de imagens reais sobre violência urbana e o contato através do abraço entre atores e espectadores.

A cena do festival de arte foi improvisada de diversas maneiras, sem que se chegasse a um acordo quanto a melhor forma de encenação. Decidimos que seria uma cena *solta* e que cada um poderia fazer como achasse melhor no momento da apresentação. Assim, cada um organizou sua forma de se apresentar: enquanto alguns educandos apenas se movimentaram com adereços diversos, outros criaram cartazes e um grupo resolveu ensaiar uma coreografia. Surgiu de um dos discentes, já às vésperas da estreia da peça, a ideia de interação com o público. Durante a cena os personagens desceram para a plateia e convidaram o público a subir ao palco, numa confraternização.

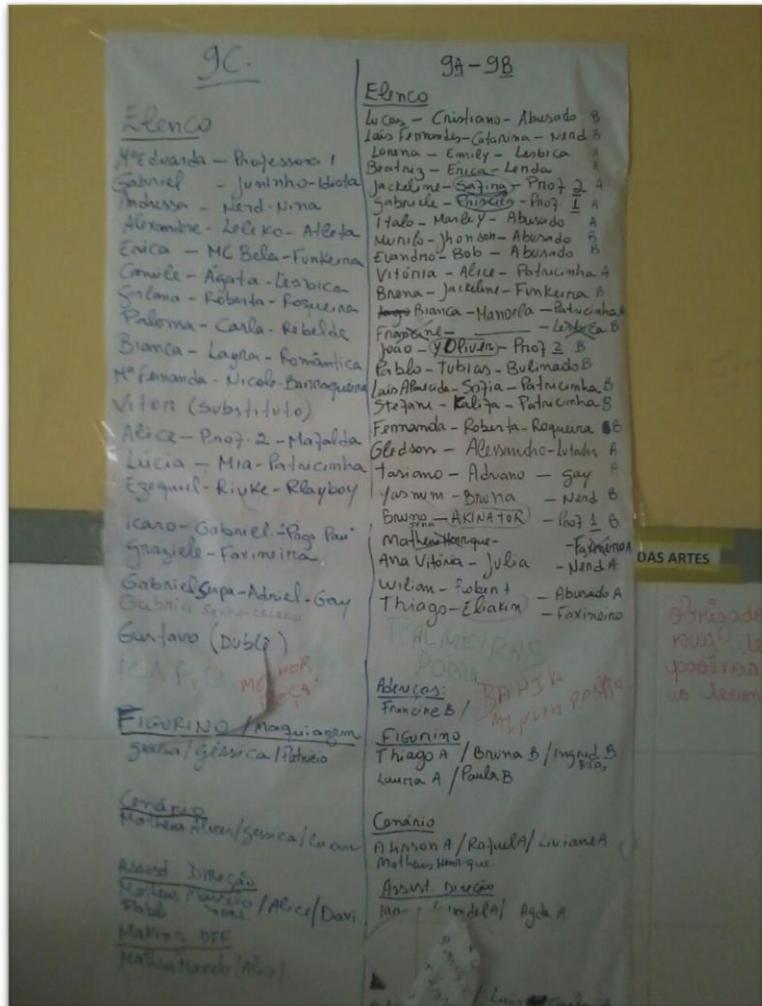
E durante um bimestre letivo as cenas do espetáculo foram sendo criadas, de forma coletiva e colaborativa, e cada vez mais pude perceber o desenvolvimento da autonomia discente, fosse na sugestão de ideias criativas, fosse na solução de problemas que surgiam a cada aula.

Seleção de equipes de trabalho

Os grupos de trabalho para a execução das diversas tarefas que envolvem o fazer teatral (maquiagem, figurino, cenário, dentre outros) foram definidos no início do segundo bimestre de execução do projeto, visto que de início todos participavam dos exercícios, jogos e improvisações cênicas. Os educandos tiveram a oportunidade de escolher qual função executariam. Inusitadamente um educando do 8º ano, João Paulo, de 14 anos, que acompanhava frequentemente as aulas-ensaio assumiu a função de operador de áudio e vídeo durante as apresentações da peça.

A imagem abaixo demonstra o *quadro funcional* criado pelas turmas, que ficava fixado na *sala multiuso*. Esse quadro era sempre *revisitado* e sua composição era alterada a depender das vontades pessoais e da necessidades do processo.

Imagen 3 - Quadro funcional



Fonte: Arquivo Pessoal

Nas três turmas de nono ano expus limitações quanto ao número de participantes que formariam os grupos de trabalho, visando equilibrar a demanda. Os grupos deveriam ser formados da seguinte maneira em cada turma: para a direção seriam de 1 a 2 pessoas; para maquiagem seriam entre 2 e 6 pessoas; para figurinos e adereços seriam entre 2 e 6 pessoas; para cenário seriam entre 2 e 4 pessoas; para trilha sonora seriam entre 2 e 6 pessoas; e o elenco seria composto por até 16 pessoas, sendo que 12 fariam papel de *educandos* e 4 papel de *professores, diretor e servente*. Contudo, desde o início tal limitação não funcionou e logo

foi esquecida pois os discentes trocaram várias vezes seu papel na montagem, algumas vezes assumindo mais de uma função.

Expliquei a eles que como três turmas estavam desenvolvendo a mesma atividade em momentos distintos, ao final escolheríamos as melhores criações para compor o espetáculo, já que seria criada uma peça e não três.

A partir do momento da divisão das equipes ficou latente o empenho deles na execução das tarefas. Isso demonstrou que, apesar do educando cumprir as demandas a ele delegadas durante o processo educacional, quando eles são oportunizados a fazer algo que se identificam se dedicam mais. É, portanto, de fundamental importância que o professor propicie a emancipação das múltiplas inteligências, como defende Gardner (2010), percebendo e valorizando as múltiplas aptidões. Isso enriquece o fazer pedagógico. Não se espera na aula de teatro na escola gerar atores, maquiadores ou cenógrafos, como também não se espera gerar matemáticos devido às aulas de matemática, ou geógrafos pelas aulas de geografia. Contudo, a experiência sensível pode sim promover um indicativo profissional através da identificação pelos métodos ou por determinados conteúdos trabalhados.

Seleção de elenco

Inicialmente expliquei para as turmas que seria impossível que todos compusessem o elenco. Comentei que se muitos deles quisessem interpretar, haveria uma seleção e eles passariam por uma audição para defender os personagens e que os jurados seriam os próprios colegas da turma. De início parecia que tal estratégia precisaria ser executada tendo em vista o grande número de educandos improvisando e fazendo parte das cenas. Contudo, com o passar dos meses, o panorama mudou. Parte da mudança se deu pelo fato de que, a certa altura do processo, as turmas do 9ºA e 9ºB, ambas matutinas, começaram a trabalhar juntas. Alguns discentes frequentaram os ensaios da outra turma (quando em aula vaga) e passaram a unir as ideias de figurinos, cenário, dentre outros, e escolheram no diálogo quem faria qual papel, de acordo com o desempenho deles em cena, sem a necessidade de uma seleção de elenco em formato de audição.

O elenco foi *montado* de maneira *natural*, derivado dos papéis adotados durante as aulas destinadas à improvisação e à criação de cenas. Foi na etapa teórica de ‘mapeamento dos tipos de estudantes que existem na escola’ que começamos a imaginar quais personagens estariam na trama. Depois, o momento de improvisação e criação de cenas proporcionou que

cada estudante que quisesse integrar o elenco fosse experimentando os papéis, formando o arcabouço dos personagens.

No segundo bimestre de execução do projeto comuniquei às turmas que uniria todos numa só montagem (9ºA, 9ºB e 9ºC, esta última do turno vespertino), e que para isso teríamos ensaios extra em contra turno, finais de semana e feriados. Foi necessária uma nova seleção de elenco para reorganizar o quadro.

Convidei o ator Mércio Santana² para fazer o papel do personagem *Diretor*, ideia muito bem aceita pelos discentes. Essa estratégia visou desmistificar a distância entre docente e discente, ao proporcionar atividade em que ambos atuassem em *pé de igualdade*. Havia encanto estampado no olhar dos estudantes ao contracenarem com Mércio, que muito colaborou no desenvolvimento dos papéis por parte dos educandos, aconselhando acerca da interpretação.

O papel do personagem *Professora Tradicional* foi dividido por duas estudantes de turmas distintas, e o personagem *Novo Professor* foi interpretado pelo discente João Felipe. Por ser o único no papel havia o receio dele faltar às apresentações, coisa que não ocorreu. O educando Matheus também interpretou o papel do *Diretor*, revezando a atuação com Mércio. Sempre que um educando faltava ao ensaio, outro assumia o seu lugar na interpretação, promovendo ambiente tranquilo. Essa prática se repetiu por muitas vezes, gerando possível elenco reserva para atuar em caso de necessidade.

É fundamental citar que no espetáculo *Criativos, hein?!* não cabe limitar o termo ‘ator’ a aquele que interpreta um personagem. Neste processo o termo se amplia para todos aqueles que atuaram para a sua concretização. Atores foram todos os discentes envolvidos no processo, mesmo aqueles que aparentemente só observaram

Etapa 3 – Ensaios e Execução Técnica

Aulas-ensaio

O segundo bimestre de realização do projeto foi focado nos ensaios, registros, criação de adereços, figurinos e maquiagem. As aulas passaram a ser usadas para o aperfeiçoamento da interpretação e da movimentação espacial, bem como otimização do uso de adereços e cenários. O texto passou a ser definido, evitando inserção de novos acontecimentos. Com a

² Mércio Santana era estudante de licenciatura em teatro pela UFBA e realizou períodos de estágio acadêmico na Escola Municipal Alfredo Amorim, acompanhando e ministrando aula a esses educandos desde o 8º ano de escolarização, desenvolvendo aulas que valorizavam o aspecto afetivo em suas propostas.

evolução do processo passei a não mais conduzir alongamentos e aquecimentos sistematicamente, e os grupos de trabalho passaram a ter um tempo inicial livre para realizar o que desejasse: alguns discutiam sobre figurinos, enquanto outros aqueciam voz ou preparavam a sala para os ensaios, que passaram a não ocorrer na sala de aula tradicional e foram deslocados para outra, nomeada pela escola como *sala multiuso*, de aproximadamente 30m². Esta sala não possuía em seu mobiliário grande número de cadeiras, sendo composta basicamente por duas estantes de livros e caixas com materiais diversos, como jornal, tecidos e alguns poucos adereços que eram usados nas cenas. Adotamos a sala como *sala de ensaios*, e lá deixamos fixo o cenário do espetáculo.

A utilização da sala multiuso (imagem a seguir) como espaço de referência para os ensaios da peça ambientou positivamente os estudantes, que passaram a encarar a atividade com mais compromisso, demonstrando que, por diversas razões, o espaço comum usado na prática pedagógica cotidiana, a *sala de aula padrão*, é um ambiente desmotivador, já desacreditado. Isso se deve a muitas razões, como a desmotivação discente perante algumas posturas docentes ou aos conteúdos programáticos obrigatórios por eles abordados.

Imagen 4 - Aula-ensaio na sala multiuso



Fonte: Arquivo Pessoal

Novelly (2012) comenta em seu livro ‘Jogos Teatrais: Exercícios para Grupos e Sala de aula’, sobre estratégias de aproximação do grupo de educandos para com a atividade teatral, indicando que quando atividades teatrais forem ser desenvolvidas na escola é positivo o uso de termos técnicos para que os educandos se ambientem com tais práticas. Deslocá-los do espaço comum para o espaço especialmente preparado para os ensaios favoreceu muito a dinâmica do processo. Foi num desses ensaios que uma estudante, ao acaso, após presenciar

uma cena que lhe impactou, pronunciou a frase “Criativos, hein?!”, que acabou por se tornar o título do espetáculo. Alguns nomes haviam sido cogitados anteriormente durante debates em aulas, como “Um exemplo de classe” e “Uma turma muito louca”, mas foi de maneira espontânea que se encontrou de fato um título que fazia sentido, um título que traduzia o empenho e o desenvolvimento criativo discente.

Nos ensaios extras apenas parte dos envolvidos apareciam, geralmente os que integravam o elenco, a direção e aqueles que faziam o registro audiovisual. Pelo número diminuído de educandos, e por não estarmos limitados ao tempo de 100 minutos, havia maior concentração e foco. Contudo, este era o momento em que mais estudantes do elenco precisavam ser substituídos devido a ausências. Essa dinâmica favoreceu a experimentação variada de papéis, até por aqueles que durante a temporada não atuaram cenicamente.

Os ensaios extras eram conduzidos de maneira diferenciada do que ocorria durante o período regular de aula. Enquanto nas aulas discutíamos temas diversos, praticávamos jogos teatrais e diversos grupos se reuniam para trabalhar suas demandas, nos ensaios extras se focava apenas a *limpeza* das cenas através da repetição e a melhoria da interpretação, através da construção física e psíquica dos personagens, além de haver maior tempo para a partilha de ideias. Nas aulas regulares alguns estudantes eram incentivados por mim a assumir o papel da direção, havendo grande experimentação. Já nos ensaios extras eu dialogava com esses discentes acerca do que não estava funcionando cenicamente, de maneira mais técnica.

Criação de figurinos, adereços, cenário, maquiagem e trilha sonora

Uma das primeiras coisas a ser pensada para o espetáculo foi a trilha sonora, ainda no período embrionário da peça, quando discutimos acerca do roteiro. Contudo, foi o cenário que primeiro foi definido. Soubemos logo que este representaria uma sala de aula, e que por isso alguns objetos deveriam obrigatoriamente estar presentes, como cadeiras para *alunos* e cadeira, mesa e lousa branca para professores. No início pensamos em ter estante com livros e mapas espalhados pelas paredes. Mas ao discutir com os estudantes sobre a viabilidade técnica de se construir paredes, inclusive seu custo de execução, bem como a necessidade de carroto, montagem e desmontagem, a ideia foi suprimida. Um discente doou um mapa *mundi* para o espetáculo, mas como eles não conseguiram resolver como este se fixaria no cenário, também foi esquecido. Da mesma forma a estante foi cancelada, visto que nos ensaios se demonstrou desnecessária. O cenário final foi composto por 25 cadeiras para *educandos*, 1 cadeira e 1 mesa para *professores*, um quadro de projeção (que havia na escola, usado em

substituição à lousa branca pela facilidade em deslocamento e montagem, e por possuir tripé, o que dispensou a necessidade de outro tipo de fixação) e um esqueleto humano (emprestado pela Cia BELUNA de Arte). Sobre a mesa do professor foram dispostos livros diversos, um globo terrestre e um vaso com flores. O cenário também foi composto por vídeo-projeção que projetava ora a imagem de uma parede de sala de aula (em três situações: dia ensolarado, dia chuvoso e noite) ora vídeos animados e fotografias em movimento. Tais projeções foram idealizadas em discussão entre mim e os educandos, e criadas por Marcos Guimarães, profissional colaborador, membro da Cia BELUNA de Arte.

Os adereços foram pensados e produzidos pelos próprios discentes. Um deles foi a *rosa branca*³, distribuída para a plateia durante a cena ‘Morte’, simbolizando pedido de paz.

Croquis de maquiagem foram feitos pelos grupos responsáveis, muito mais como exercício do que realmente como algo a ser executado para a encenação. Como os próprios estudantes iriam ser responsáveis pelo uso e organização dos camarins, o pensamento da maquiagem seria importante, mas a sua prática não pôde ocorrer de acordo com a idealização.

Imagen 5 - Aula de maquiagem – 9º ano A



Fonte: Arquivo Pessoal

A imagem acima ilustra o resultado de uma das aulas que ministrei durante o projeto, que previu uso de maquiagem para a criação de hematomas. Para o dia, solicitei que os estudantes levassem elementos de maquiagem, principalmente lápis de olho marrom e preto, batom vermelho e sombra azul e branca. Para o estudo, os discentes foram divididos em grupos. Depois realizei uma maquiagem em um voluntário. Em seguida os grupos se organizaram para reproduzir a maquiagem uns nos outros.

³ Foram confeccionadas cerca de 200 rosas com uso de palito de churrasco e papel crepom. O modelo foi aprendido por um educando através de pesquisa na internet

As três turmas desenharam diferentes figurinos, tanto em modelos quanto em cores. No entanto percebi grande similaridade a figurinos usados nas séries ‘Chiquititas’, ‘Rebeldes’ e ‘High School Musical’, com total distanciamento do fardamento escolar adotado na rede municipal de ensino de Salvador. Pode ter contribuído para essa decisão o fato de os estudantes não gostarem da farda adotada pela prefeitura e encararem aquele vestuário como mais belo estética e cenicamente. A foto abaixo demonstra um desses croquis, onde se pode ver a ideia de usar blusas de manga comprida, jaqueta e calça jeans.

Imagen 6 - Croqui de figurinos



Fonte: Arquivo pessoal

Foi num ensaio geral, onde expus os croquis de figurinos realizados pelas três turmas, que os presentes debateram no intuito de construir uma proposta que abarcasse em si as ideias apresentadas, alinhando a viabilidade técnica e financeira para a sua execução. A proposta final produzida ressaltou os seguintes pontos: O *diretor* iria usar terno e gravata; a *professora tradicional* usaria vestido ‘fechado’ e longo; o *novo professor* usaria roupas coloridas, como calça e camiseta; o *Servente* teria um macacão; os *educandos* usariam camisa branca, colete em estampa xadrez, gravata, calça e tênis; as *alunas* iriam usar camisa branca, colete no mesmo tom da calça dos meninos, laço e saia em estampa xadrez e tênis. Os figurinos de *Professores* e *Diretor* foram conseguidos através de empréstimos da Cia BELUNA de Arte e pelos próprios estudantes. Já os figurinos dos 25 personagens *alunos* foram confeccionados por profissional contratado, havendo algumas alterações na cor e na estampa em decorrência dos tecidos que puderam ser adquiridos no comércio da cidade.

Um dos membros do grupo de figurinos, Thiago Setubal, que muito se dedicou à esta função, acabou por integrar posteriormente o elenco da peça, fazendo o papel do *Servente*. Segundo ele, após ter percebido que sua função na peça estava esgotada, sentiu a necessidade de continuar participando ativamente do espetáculo.

A trilha sonora foi a última coisa a ficar pronta. Eu fui o responsável pela edição da trilha, que foi sendo moldada concomitantemente aos ensaios. Uma das músicas, *Tempo Perdido*, da banda Legião Urbana, sugerida pelos discentes para ser tocada ao final da peça, durante a cena ‘Festival de Arte’, chegou a ser alterada entre a apresentação de estreia e a apresentação do dia seguinte, visto que os educandos queriam uma nova versão, em Karaokê.

É importante salientar que nenhum adereço, cenário ou figurino foi criado em sala. Eles foram idealizados durante as aulas e produzidos em formato de atividade extra classe.

Registros⁴

Durante as aulas e os ensaios extras um grupo de estudantes de cada turma se responsabilizou pelo registro audiovisual de todo o processo. Eles puderam escolher a melhor forma de registrar e compartilhar os arquivos com os demais. Contudo, por muitas vezes estes estudantes esqueciam seus celulares em casa e o registro deixava de ser feito. Foram esses mesmos educandos os responsáveis pela criação do *blog*, da página na rede social *Facebook* e do canal de vídeo no site *Youtube*, para a divulgação da peça,.

Outra forma usada para o registro foi a criação de relatório de aulas, uma espécie de *diário de bordo*. Este tipo de registro não funcionou muito bem tendo em vista que os discentes, envoltos no processo criativo, pouco escreviam sobre ele. Incluo-me nesse grupo, e exponho a dificuldade que é registrar de forma eficaz o que ocorre durante um processo de criação, principalmente quando somos os agentes realizadores e não somente observadores externos passivos, e por isso nos envolvendo emocionalmente no processo.

⁴ Parte desse material se perdeu quando o HD do meu computador, usado para armazenar os dados, se danificou de maneira irreparável. Restou apenas a parte do material que existia em back-up e o que foi salvo na *internet* pelos próprios discentes.

Etapa 4 – Pré-estreia

Ensaio geral

Nos 45 dias que antecederam a estreia da peça passamos a realizar ensaios com as três turmas juntas, em feriados e finais de semana. A estratégia visou o aprimoramento da montagem e a reformulação da peça, equacionando a construção cênica do turno matutino com a do turno vespertino. Coube aos *estudantes-diretores* unir suas ideias em relação ao espetáculo, realocando o elenco e os personagens interpretados.

Em alguns desses ensaios, a equipe de profissionais técnicos da Cia BELUNA de Arte esteve presente a fim de colaborar na criação de projeção e iluminação. No primeiro dia acompanharam o ensaio sem tecer comentários, apenas observando como se dava a encenação, para só depois dialogar com alguns estudantes acerca do que poderia ser criado. Possibilitar o contato do estudante com o profissional das artes enriqueceu o processo de ensino-aprendizado por possibilitar momento de troca de saberes e por se apresentar um novo olhar técnico sobre a mesma coisa (a peça).

Cada ensaio extra ocorria ou na *sala multiuso* ou no pátio da escola. Por estarmos sem a presença de outros profissionais ou estudantes da escola, os discentes do nono ano desfrutavam de *liberdade* de comunicação e expressão: se autogeriam para uso de banheiro e bebedouro, e na coesão para a eficácia dos trabalhos, coisa que em geral para ocorrer se deve ter autorização/controle por parte dos professores das matérias. A diretora da escola, a professora Patrícia Barral, teceu comentários positivos sobre a diferença de comportamento destes educandos durante esta atividade, chegando a compartilhar a sua surpresa com os outros professores em reunião subsequente, pelo fato de estarem presentes estudantes de três turmas distintas de nono ano, empenhados na realização da tarefa, se autogerindo. Nos ensaios, os discentes frequentemente repetiam as cenas substituindo parte do elenco, observando qual seria a melhor formação. Foi em um desses ensaios que o discente do 8º ano, João Paulo, se ofereceu para operar o áudio do espetáculo durante as apresentações, coisa que foi apoiada pelos demais sem muita objeção.

O ensaio geral (último ensaio ocorrido na semana anterior à estreia da peça) contou com o uso dos figurinos e adereços criados, cenário completo e execução da trilha sonora por João Paulo. Aconteceu num feriado, 02/11/2016, manhã de quarta-feira, no pátio da escola. Após esse dia, apesar da solicitação por parte dos educandos, não mais propus ensaios. Acredito que é necessário um tempo entre o último ensaio e a estreia de uma peça, pois isso diminui a tensão.

Criação de arte, site e divulgação

A equipe responsável pelo registro do processo também foi a responsável pela divulgação e pela criação de todo o material usado. De início criaram um canal no site de vídeos *Youtube*⁵ e o *blog* ‘Criativos, hein? – A Peça’⁶ com a finalidade de socializar tais registros. Criaram também a página na rede social *Facebook* intitulada ‘Criativos, Hein?’⁷ onde se pôde acompanhar o processo através de fotos, vídeos e comentários, desde o início dos ensaios até a apresentação do espetáculo.

Imagen 7 - Cartaz da peça



Fonte: Arquivo Pessoal

Esses estudantes conceberam e executaram todo layout, sem qualquer interferência minha a não ser a natural cobrança pelo cumprimento de prazos de postagem. O cartaz oficial da peça foi também por eles desenhado, editado, impresso e fixado na escola e no teatro.

No que tange a divulgação, me coube a socialização de informações entre a Escola Municipal Alfredo Amorim, a Secretaria de Educação do Município de Salvador – SMED, o Centro Cultural Plataforma, o programa de mestrado PROFARTES-UFBA, a Cia BELUNA de Arte e o projeto Arte no Currículo, parceiros envolvidos nessa montagem.

⁵ Acessível em <<https://www.youtube.com/channel/UCYyIe8rUHCYfP1gue3CiXMQ>>, acesso em 21/06/2017

⁶ Acessível em <<https://criativoshein.wordpress.com/>>, acesso em 21/06/2017

⁷ Acessível em <<https://www.facebook.com/Criativos-HEIN-1678525929143017/>> acesso em 21/06/2017

Etapa 5 – Encenação

Preparação de palco

As apresentações foram marcadas para acontecer nos dias 10 e 11 de novembro no Centro Cultural Plataforma, espaço cultural mantido pela Secretaria de Cultura do Estado do Bahia, que conta com salas de aula e um amplo palco em formato italiano, que possuía bons recursos audiovisuais. Ocorreu antes do que havíamos previsto no início do processo devido à necessidade de reorganização do calendário escolar. Foram quatro apresentações em dois dias, às 10 e às 15 horas. A equipe técnica da Cia BELUNA de Arte chegou no Centro Cultural Plataforma por volta das 8 horas da manhã, levando cenários, figurinos e adereços. Meia hora depois chegou o elenco da peça juntamente com alguns membros das turmas que auxiliariam na montagem. Os estudantes se envolveram em todas as etapas do processo, desde a montagem do cenário no palco até o fechamento do borderô⁸.

O primeiro passo foi descarregar o cenário e demais equipamentos. Depois, alguns estudantes, membros da equipe responsável pela idealização do cenário, o montou no palco (como se vê na imagem a seguir). Outros discentes acompanharam Marcos Guimarães e Rafael Charrete para a cabine técnica, a fim de auxiliar na execução de áudio, projeção e luz. Os membros do elenco se dirigiram aos três camarins. Apenas um adulto, mãe de um educando e também funcionária da escola, os acompanhou nos bastidores, com a finalidade de dar suporte no que fosse necessário. Solicitei a ela que se envolvesse o mínimo possível, deixando que os estudantes resolvessem as demandas que por ventura surgissem.

Imagen 8 - Montagem de palco – Centro Cultural Plataforma



Fonte: Arquivo Pessoal

⁸ O borderô é um documento oficial institucional dos espaços culturais indexado à prestação de contas, no qual consta, dentre outras informações, a renda do evento e o número de espectadores presentes em cada sessão.

Os discentes responsáveis pela execução técnica acompanharam a montagem da iluminação da peça e também foram orientados a como operar as mesas de luz e som. Às 10 horas um grupo discente de apoio foi para o foyer receber o público que havia chegado, auxiliando-o na entrada para a sala de espetáculo.

Apresentação

Pouco depois das 10 horas do dia 10 de novembro, quinta-feira, iniciou-se a primeira apresentação da peça. A partir desse momento os educandos ficaram sós, não havia nenhum adulto com eles, exceto o ator convidado Mércio Santana, seja no palco ou nas coxias. Um belo espetáculo aconteceu recheado de improvisos bem empregados. O público vibrou junto ao elenco a cada cena apresentada e subiu ao palco como combinado na cena ‘festival de arte’. Aplausos e fotos traduziram a sensação de ‘dever cumprido’.

A turma permaneceu junta no espaço, almoçando nas dependências do teatro, e aproveitando o tempo entre a encenação da manhã e a da tarde para relaxar e conversar sobre a primeira apresentação. Durante este período os deixei o mais à vontade possível, não tecendo qualquer comentário sobre a peça, por acreditar que eles deveriam assimilar aquele momento sem qualquer tipo de indução. Somente às 13 horas voltamos ao palco para preparar a apresentação do turno vespertino. Nesse momento convidei-os para um diálogo acerca dos acertos e desacertos que ocorreram na manhã. Conversamos sobre cenas que funcionaram e cenas que precisariam ser repensadas; das entradas e saídas que deram ou não certo; da voz que as vezes não estava audível, seja pela dicção, seja pelo volume, dentre outros assuntos. Foi também momento de escolher quem iria compor o elenco da tarde, já que eram 38 atores para 29 personagens. Algumas falhas técnicas que ocorreram durante a manhã foram solucionadas para a apresentação da tarde, quando se repetiu o espetáculo.

Duas outras apresentações ocorreriam no dia seguinte, mas foram canceladas por motivo de greve geral no Brasil, resultado de insatisfação social perante a política do momento. Estas apresentações foram reagendadas para o dia 16 do mesmo mês, uma quarta-feira, quando se repetiu a mesma logística do dia 10.

Em dezembro realizamos mais uma apresentação da peça, desta vez a convite da prefeitura de Salvador, na Mostra de Cultura e Arte, ocorrida no Teatro Gregório de Matos. A mostra foi administrada pela equipe do projeto ‘Arte no Currículo’ e contou com variadas apresentações de produtos culturais da rede municipal de ensino. Antes de aceitar o convite conversei com os discentes para saber se eles queriam realizar tal apresentação, uma vez que

ela ocorreria após o período de provas finais do quarto bimestre letivo, e alguns deles já estariam de férias.

Vale ressaltar que toda tomada de decisão desta proposta pedagógica ocorreu coletivamente, através de muito diálogo, desde a concepção da peça até a última apresentação. Através da colaboração os educandos descobriram *caminhos* para solucionar os problemas que surgiram e criaram estratégias para prevê-los.

Etapa 6 – Avaliação

Nas escolas municipais de ensino fundamental II de Salvador a aquisição de saberes deve estar refletida em um número entre 0 e 10 transscrito para a caderneta⁹. No entanto mensurar o aprendizado é tarefa árdua em se tratando de prática teatral, uma vez que muitos dos conhecimentos adquiridos não são facilmente percebidos pelo professor. José Pacheco e Maria de Fátima Pacheco dizem que “as coisas mais lindas do mundo acontecem no interior, muito mais do que à superfície” (PACHECO, J.; PACHECO, M., 2015, p. 122), ou como escreve Antoine de Saint-Exupéry, em sua célebre obra literária *O pequeno príncipe*: “O essencial é invisível aos olhos”. Parti então para a representação numérica da capacidade de o educando demonstrar a aquisição de saberes, de acordo com os critérios preestabelecidos de *pontuação*, que eram: a capacidade de o discente formular soluções para problemas surgidos durante o processo; a *evolução* de sua capacidade de interação com colegas; a quantidade e a qualidades das pesquisas teóricas apresentadas; a realização de tarefas por ele assumidas; sua auto avaliação; e a qualidade da encenação do espetáculo, levando em consideração a gestão das etapas de pré-produção (preparação do teatro), apresentação e pós-produção (desmontagem). Foi esse conjunto de coisas que gerou um panorama, não exato, do desenvolvimento da autonomia durante a realização desta pesquisa.

Uma auto avaliação ocorreu logo após a primeira apresentação da peça, ainda no teatro, quando o grupo foi entrevistado por Debora Landim, para o projeto ‘Arte no Currículo’. Durante a entrevista, os educandos comentaram acerca da satisfação em atuar e sobre a superação de desafios e o aumento da autoestima. Falaram de seu protagonismo e da relação que desenvolveram uns com os outros e comigo, pautada no respeito e na confiança. Defendo que a auto avaliação é parte fundamental do processo de aprendizagem significativa por ser o momento de análise crítica e reflexiva individual e coletiva.

⁹ Documento oficial que arquiva as notas do educando, também chamado de *boletim*.

Na semana seguinte, realizei com as turmas um questionário avaliativo composto por 13 questões discursivas, a fim de mensurar a eficácia da aplicação desta proposta pedagógica em relação ao desenvolvimento da autonomia. O questionário se dividiu em perguntas acerca da peça em si (como surgiu a ideia do espetáculo e qual foi a metodologia empregada), da participação de cada educando no processo (de como se deu a relação de cada um com os saberes, se a peça serviu para o desenvolvimento da autonomia), e, por fim, como se deu a relação com o professor durante o período. Foquei-me no discurso discente, tentando perceber sua compreensão do projeto e as respostas acerca da resolução de problemas e do protagonismo.

O que mais me chamou a atenção nas respostas diz respeito ao '*principal aprendizado obtido*'. Poucos deles falaram sobre conceitos teóricos ou aprendizado de técnicas teatrais. Em geral, as respostas apontaram para a *valorização do trabalho em grupo, a ajuda, o respeito ao próximo e a melhoria da autoconfiança*. Indagados se fariam parte de outra peça, a maioria respondeu que sim, afirmando ter sido ótima a experiência. Sobre a *solução de problemas*, as respostas foram que estes se resolveram *na base da conversa*. A última pergunta do questionário os indagou a respeito do professor. Os educandos responderam que *gostam, porque sou amigo, criativo, complexo e exigente*. No entanto o depoimento mais emocionante foi de que *eu acreditei neles*.

A seguir apresento as tabelas e gráficos gerados a partir da compilação dos dados obtidos no questionário avaliativo. Os dados foram analisados e organizados de acordo com a similaridade de termos empregados nas respostas subjetivas às perguntas realizadas ao grupo discente participante da pesquisa - Análise Textual Discursiva (ATD). As tabelas apresentam números absolutos de acordo com o quantitativo de respostas apresentadas pelos discentes de cada uma das três turmas de nono ano, além do percentual relativo ao total de respostas. A questão 13 refere-se à opinião discente acerca de minha prática pedagógica. Neste caso os resultados são apresentados em forma de transcrição de termos e frases extraídas dos questionários.

Ao todo foram aplicados 82 questionários. A divergência entre o número total de questionários aplicados e a quantidade total de respostas se deve ao fato de, em alguns casos, as respostas estarem 'em branco' ou os termos empregados se aplicarem a mais de uma matriz organizacional adotada ou por não haver legibilidade na escrita.

Questões, tabelas e gráficos

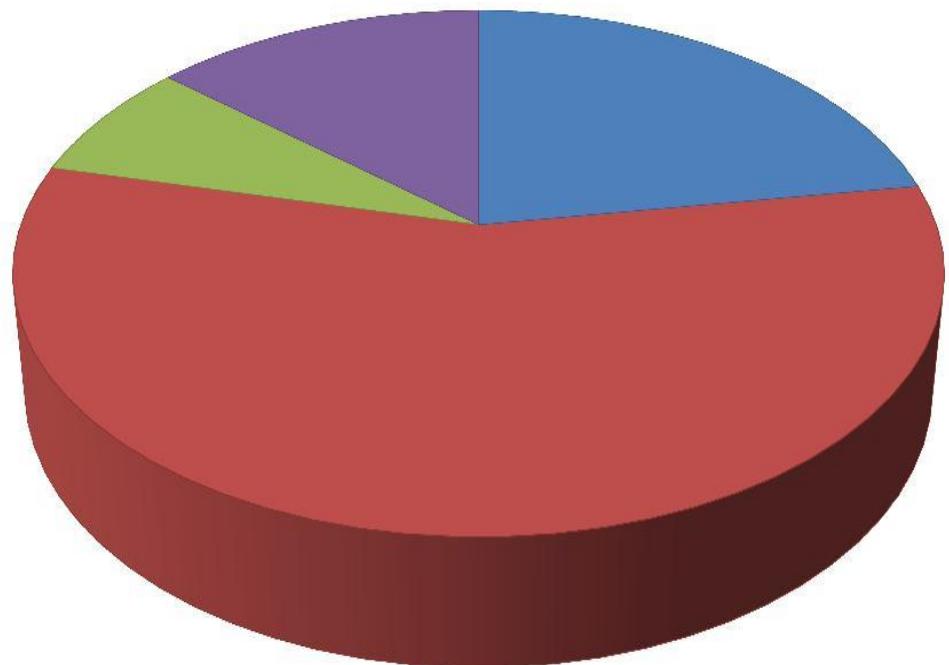
Questão 1. Como surgiu a ideia de montar uma peça teatral?

Perguntados de onde partiu a ideia de montar uma peça, as respostas foram:

Tabela 1

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Ideia surgiu do trabalho em sala	11	2	5	18	22%
2	Ideia proposta pelo professor	14	13	18	45	56%
3	Não lembra	4	1	1	6	8%
4	Respostas em branco	1	7	3	11	14%
TOTAL DE RESPOSTAS					80	100%

Gráfico 1



Questão 2. De início o que você achou da ideia de montar uma peça?

Ao se perguntar sobre a opinião de montar a peça, surgiram as palavras:

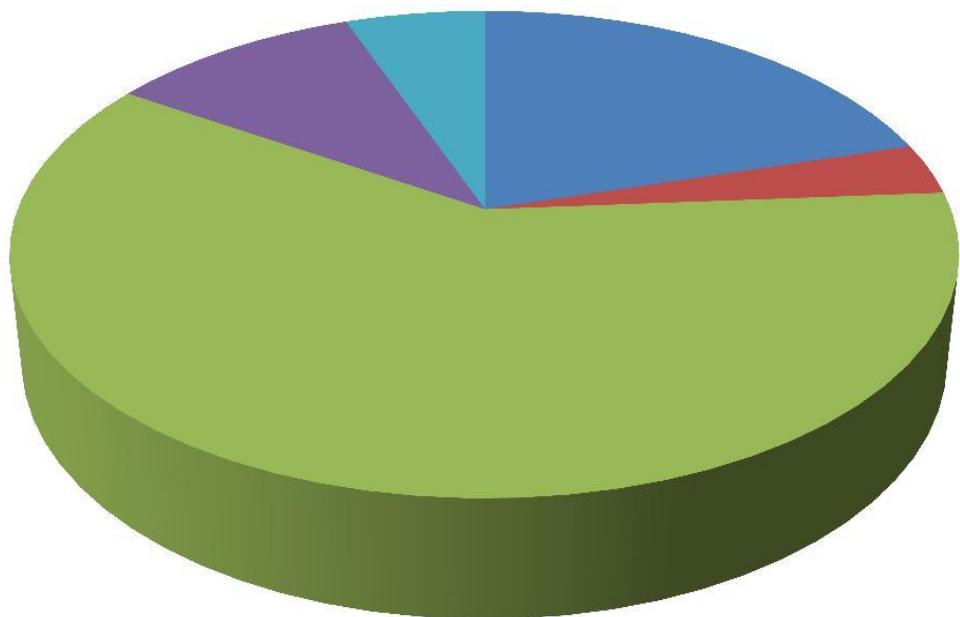
Arriscado; Bobagem; Desafiador; Assustador; Palhaçada; Experiência; Oportunidade; Surpresa; Maravilhoso; Criativo; Loucura; Interessante; Conhecimento; Legal; Incrível; Feliz; Diferente; Bagunça

Quantitativamente responderam que:

Tabela 2

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Achava que não daria certo	5	8	5	18	21%
2	Não se interessou / não queria	2	0	1	3	3%
3	Boa / Ótima ideia	18	12	23	53	60%
4	Ruim / Péssima ideia	6	2	1	9	10%
5	Respostas em branco	0	4	1	5	6%
TOTAL DE RESPOSTAS					88	100%

Gráfico 2



Dos estudantes que acreditaram que não daria certo, ou acharam a ideia ruim, 15 deles escreveram que mudaram de opinião ao longo do processo.

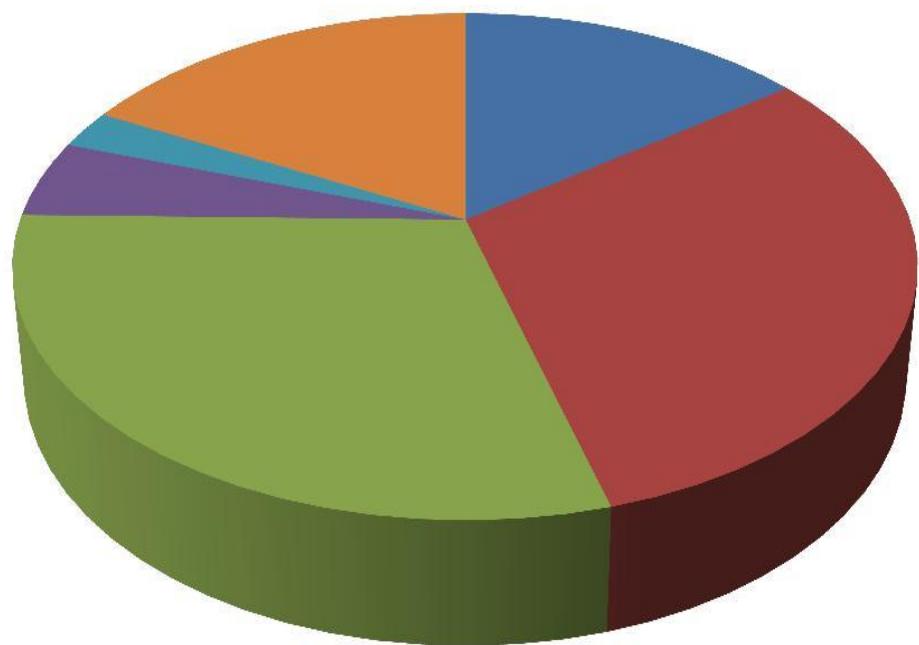
Questão 3. Como surgiu a história da peça?

Perguntados acerca da concepção do enredo, responderam:

Tabela 3

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Inspirado na realidade da escola	4	4	4	12	15%
2	Ideia proposta pelo professor	12	7	6	25	31%
3	Ideia surgiu coletivamente em sala	10	7	7	24	30%
4	A partir de outra experiência teatral	0	0	4	4	5%
5	Não lembra	0	1	1	2	2%
6	Respostas em branco	3	8	3	14	17%
TOTAL DE RESPOSTAS					81	100%

Gráfico 3



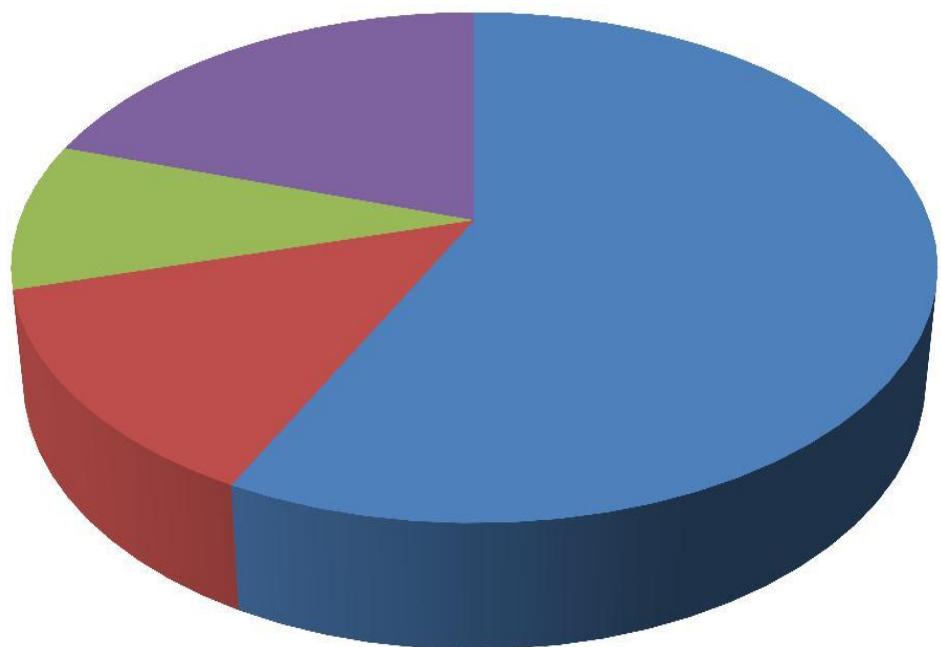
Questão 4. Como surgiu o título da peça?

Indagados acerca da escolha do título da peça, os educandos responderam:

Tabela 4

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Através de debate coletivo em sala	17	14	12	43	57%
2	Um estudante sugeriu	0	0	10	10	13%
3	Não lembra	4	2	3	7	10
4	Respostas em branco	6	7	2	15	20
TOTAL DE RESPOSTAS					75	100%

Gráfico 4



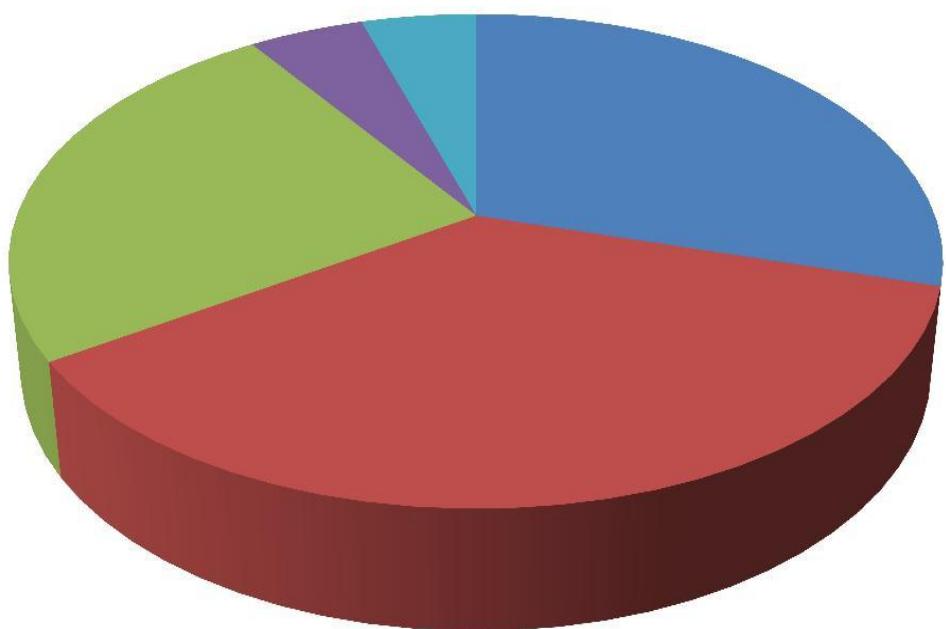
Questão 5. Qual foi a sua função e colaboração na peça?

Sobre esta questão, as respostas dos educandos foram separadas de acordo com a percepção que eles tiveram de seu desempenho no processo.

Tabela 5

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Educando apenas cita seu papel	7	9	16	31	30%
2	Educando descreve seu papel	17	11	10	38	36%
3	Educando se reconhece em mais de um papel	13	4	9	26	24%
4	Educando acha que atuou aquém de sua capacidade, ou do que deveria ter realizado	2	0	4	6	5%
5	Respostas em branco	0	5	0	5	5%
TOTAL DE RESPOSTAS					106	100%

Gráfico 5



Questão 6. Você teve medo em algum momento? De quê?

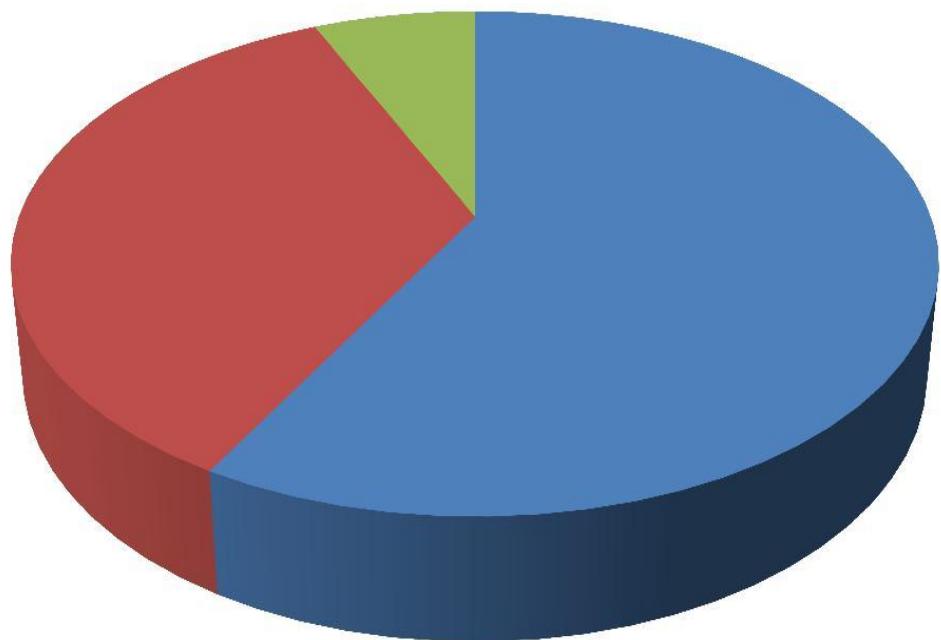
Sobre esta questão as respostas foram divididas em dois gráficos. O primeiro retrata a quantidade de educandos que afirmam que tiveram ou não tiveram medo em algum momento do processo, e o segundo transcreve os principais medos citados.

Sobre ter ou não medo:

Tabela 6

	9A	9B	9C	TOTAL	%
1 Tiveram medo	19	15	9	43	58%
2 Não tiveram medo	7	3	16	26	35%
3 Respostas em branco	1	4	0	5	7%
TOTAL DE RESPOSTAS				74	100%

Gráfico 6

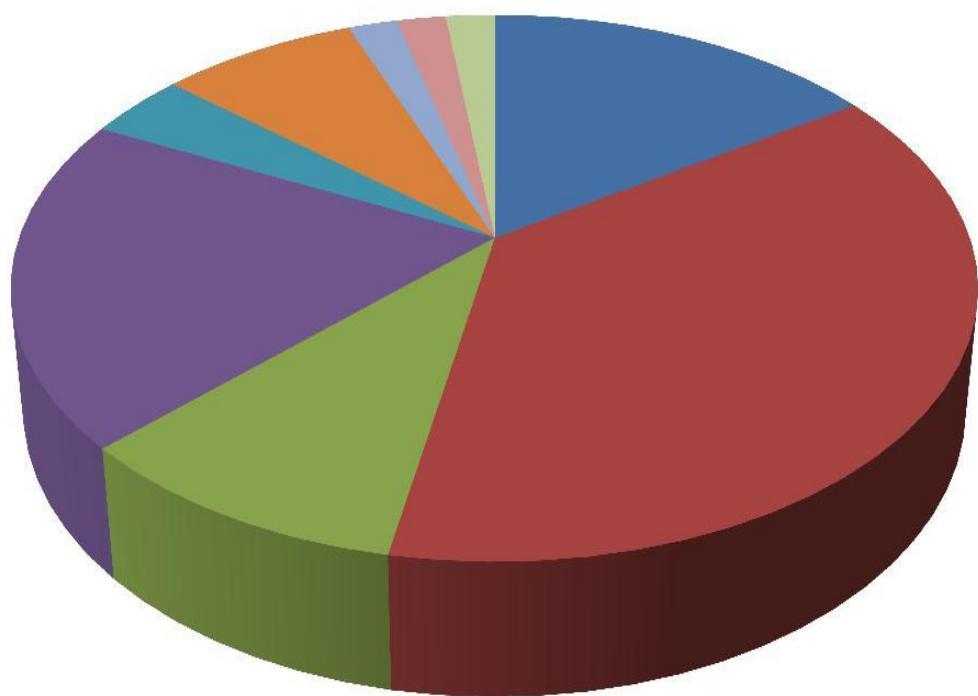


Medos apontados pelo educandos:

Tabela 7

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Esquecer o texto (falas)	7	0	1	8	15%
2	Não concluir a peça	5	9	5	19	37%
3	Algo sair errado na encenação	1	0	4	5	10%
4	Errar por medo/vergonha/timidez	3	5	2	10	20%
5	Não agradar ao público	1	1	0	2	4%
6	Realizar uma peça ruim	3	1	0	4	8%
7	Alguém desistir	1	0	0	1	2%
8	Os pais não autorizarem participar	1	0	0	1	2%
9	Não haver público	1	0	0	1	2%
TOTAL DE RESPOSTAS					51	100%

Gráfico 7



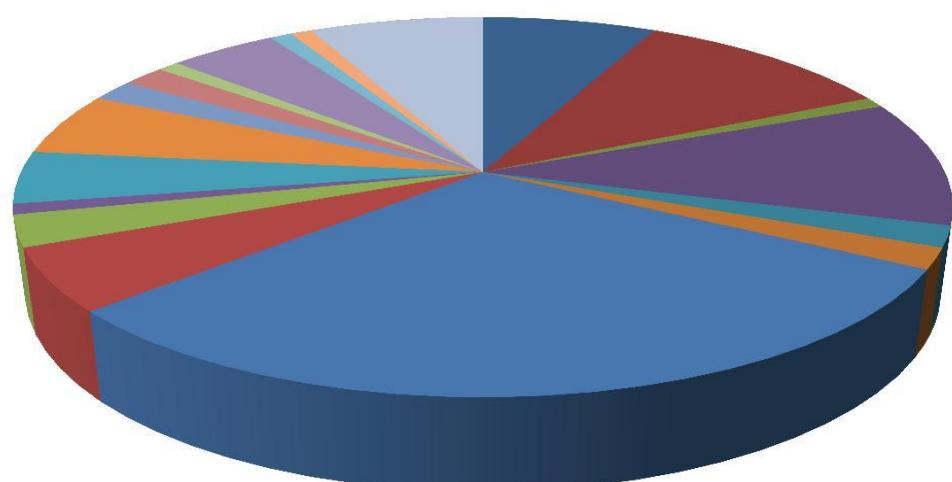
Questão 7. Que problemas surgiram enquanto montavam a peça?

Principais problemas percebidos e citados pelos educandos:

Tabela 8

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Falta de colaboração do grupo	3	1	4	8	7%
2	Desistências	3	3	6	12	11%
3	Cancelamentos de ensaios	1	0	0	1	1%
4	Desinteresse / Falta de foco	9	2	1	12	11%
5	Greve / Paralização	1	1	0	2	2%
6	Erros nos ensaios	1	0	1	2	2%
7	Desordem / Dispersão / Bagunça	17	15	12	34	31%
8	Brigas	2	0	4	6	5%
9	Falta de adereços	1	0	2	3	2%
10	Fraca divulgação	1	0	0	1	1%
11	Falha em atividades técnicas	2	3	0	5	4%
12	Falta/atraso de educando em ensaios extra	1	1	4	6	5%
13	Pouco tempo para ensaios	0	2	0	2	2%
14	Falta de criatividade	0	1	1	2	2%
15	Falta de ambiente apropriado	0	1	0	1	1%
16	Irresponsabilidade de alguns	1	1	3	5	4%
17	Desrespeito	0	0	1	1	1%
18	Baixo orçamento	0	1	0	1	1%
19	Respostas em branco	3	5	0	8	7%
TOTAL DE RESPOSTAS						112
100%						

Gráfico 8



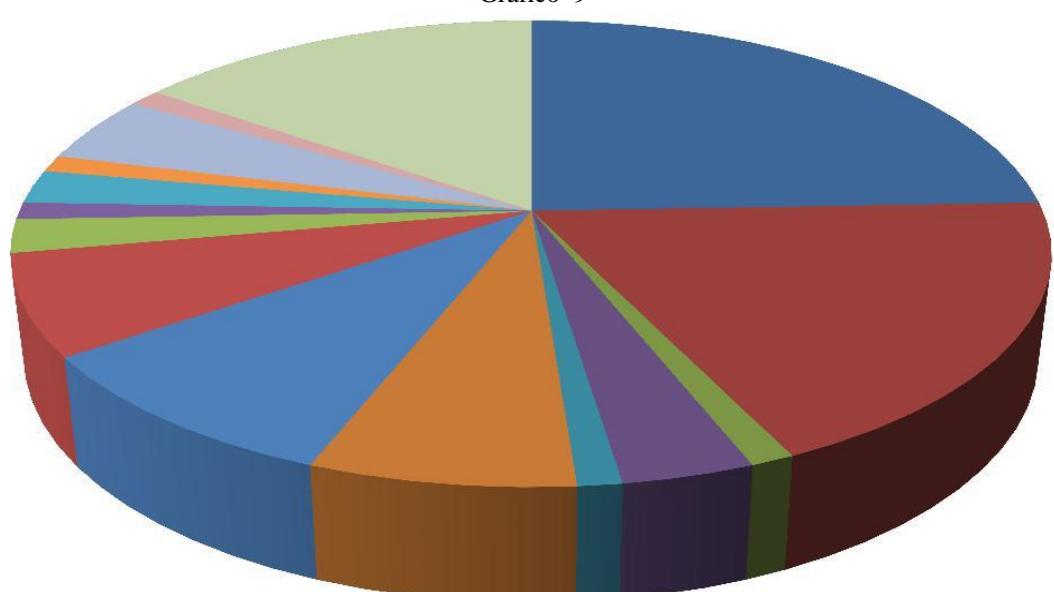
Questão 8. Como os problemas principais foram resolvidos?

Respostas citadas acerca das estratégias realizadas para a solução dos problemas:

Tabela 9

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Conversa / Democracia	9	6	6	21	25%
2	Colaboração / Trabalho em grupo	7	5	4	16	20%
3	Exclusão dos educandos desinteressados	1	0	0	1	1%
4	Respeito / Paciência	2	1	0	3	3%
5	O professor resolveu	1	0	0	1	1%
6	O professor "chamou a atenção"	4	1	1	6	7%
7	Ameaça de cancelamento da peça / reflexão coletiva	3	2	3	8	9%
8	Ensaios extra / Improvisos	1	2	3	6	7%
9	Pressão pela proximidade da estreia	0	0	2	2	2%
10	Criatividade	0	0	1	1	1%
11	Ajuda do professor e funcionários	0	0	2	2	2%
12	Não resolveu	1	0	0	1	1%
13	Substituição das equipes ao juntar turmas	2	0	2	4	5%
14	Parceria com a Cia BELUNA de Arte	1	0	0	1	1%
15	Respostas em branco	5	8	0	13	15%
TOTAL DE RESPOSTAS						86
100%						100%

Gráfico 9



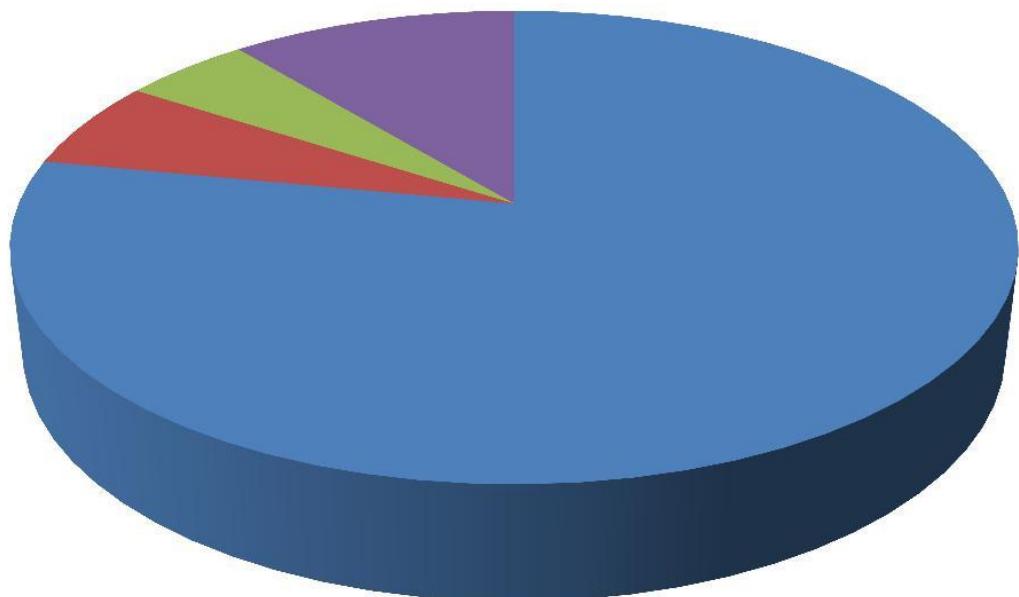
Questão 9. Você acha que hoje você está mais confiante para encarar desafios? Por quê?

A tabela abaixo representa o quantitativo de educandos que acreditam estar, ou não, mais preparados para desafios diversos após participarem do processo de construção do espetáculo teatral.

Tabela 10

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Sim, me sinto mais preparado	25	17	22	64	78%
2	Não, não me sinto preparado	2	0	3	5	6%
3	Mais ou menos / Depende do desafio	1	1	2	4	5%
4	Respostas em branco	2	6	1	9	11%
TOTAL DE RESPOSTAS					82	100%

Gráfico 10



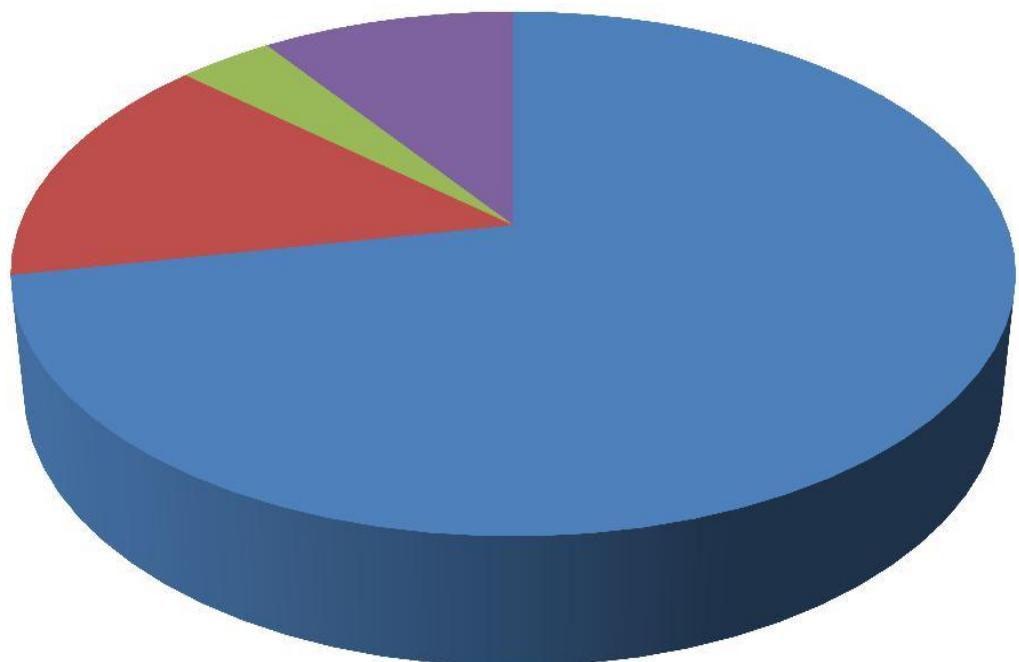
Questão 10. Você participaria de outra peça? Por quê?

A tabela abaixo representa o quantitativo de educandos que participariam, ou não, de outra montagem cênica.

Tabela 11

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Sim, participaria	20	15	24	59	71%
2	Não, não participaria	6	2	4	12	15%
3	Talvez / Depende da proposta	2	1	0	3	4%
4	Respostas em branco	2	6	0	8	10%
TOTAL DE RESPOSTAS						82
						100%

Gráfico 11



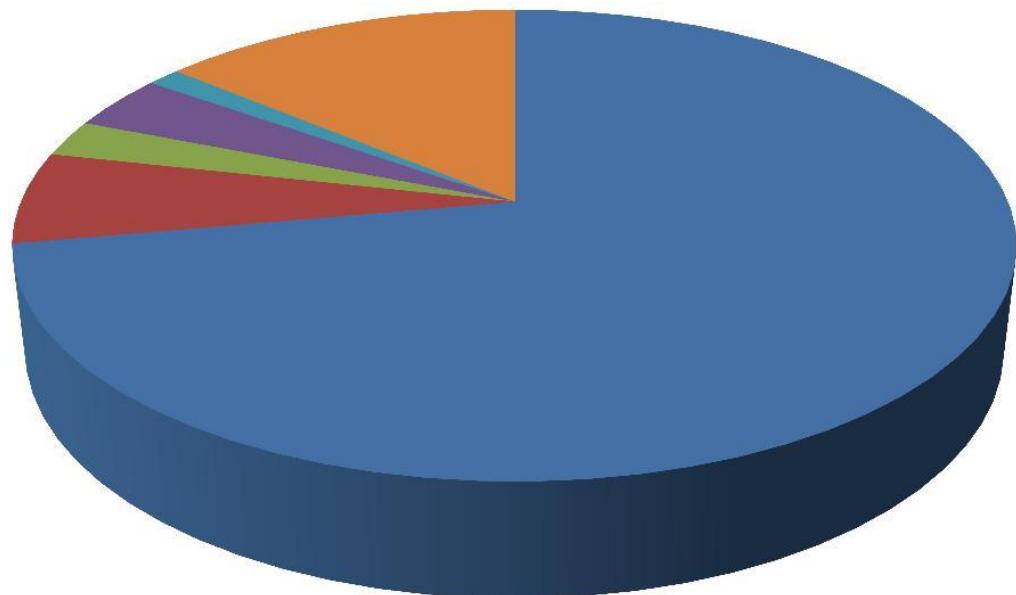
Questão 11. Você acha que depois de participar desta peça você entende mais de teatro do que antes? Por quê?

A tabela abaixo representa o quantitativo de educandos que acreditam entender mais da arte teatral após participar deste processo de montagem cênica.

Tabela 12

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Sim, entende mais	21	14	22	57	72%
2	Não, entende o mesmo	1	1	3	5	6%
3	Depende do assunto	1	0	1	2	3%
4	Entende um pouco mais	2	0	1	3	4%
5	Não sabe dizer	1	0	0	1	1%
6	Respostas em branco	3	8	0	11	14%
TOTAL DE RESPOSTAS					79	100%

Gráfico 12



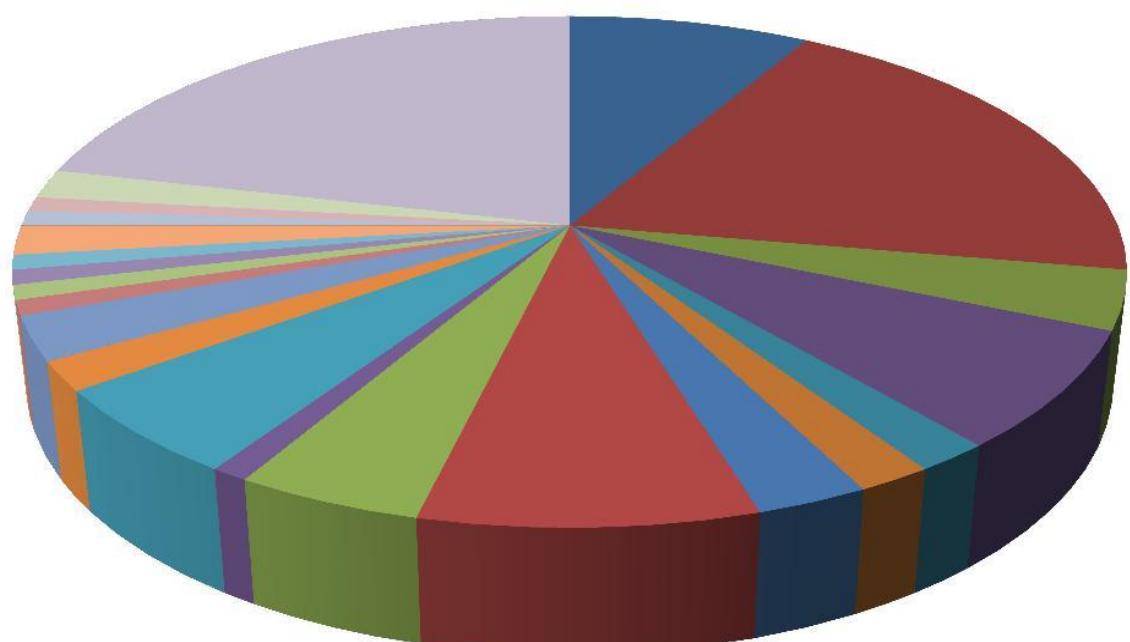
Questão 12. Para você quais foram os principais aprendizados em participar deste projeto?

Principais aprendizados citados pelos educandos

Tabela 13

		9A	9B	9C	TOTAL	%
1	Conceitos técnicos (luz, áudio, maquiagem, etc.)	5	0	4	9	8%
2	Trabalho em equipe / Grupo / União	8	5	8	21	19%
3	Autoconfiança	3	0	1	4	4%
4	Respeito	5	2	1	8	7%
5	Escuta	2	0	0	2	2%
6	Ajudar ao próximo	2	0	0	2	2%
7	Trabalhar / Aceitar o diferente	3	0	0	3	3%
8	Dedicação / Perseverança	7	0	2	9	8%
9	Perder o medo / Vergonha / Timidez	2	3	0	5	5%
10	Ser criativo	1	0	0	1	1%
11	Responsabilidade	2	2	2	6	5%
12	Superar desafios	1	0	1	2	2%
13	Expressividade	1	0	2	3	3%
14	Organização	1	0	0	1	1%
15	Autovalorização	0	1	0	1	1%
16	Saber ser crítico	0	1	0	1	1%
17	Interpretar / Atuar	0	0	1	1	1%
18	Comportamento / Educação	0	1	1	2	2%
19	Fazer amizade / Confiar no outro	0	0	1	1	1%
20	Ser bom	0	0	1	1	1%
21	Saber competir	0	0	2	2	2%
22	Respostas em branco	4	14	5	23	21%
TOTAL DE RESPOSTAS					108	100%

Gráfico 13



Questão 13. Comente um pouco sobre a maneira do professor Natan Duarte ensinar e se relacionar com a turma. Explique como ele age e expresse a sua opinião.

Na ultima pergunta do questionário avaliativo os discentes foram convidados a tecer comentários acerca do meu desempenho docente. Abaixo transcrevo características e frases por eles citadas.

Adjetivos citados:

Engraçado; divertido; diferenciado; alegre; louco; maravilhoso; amigável; agradável; educado; complexo; maluco; esquecido; paciente; dinâmico; espontâneo; sincero; foda.

Impressões de comportamento e de caráter citadas:

Ensina bem; crê nos alunos; ouve; apoia; ajuda; possui comunicação inovadora; trata bem o aluno; se importa; tem novas ideias; conversa sobre tudo; dá 'autoria' para criar; ótimo professor; acredita no potencial do aluno; entende o aluno; tem interesse em tudo; deixa o aluno dizer opinião; brinca e reclama; é uma pessoa de coração; fala o que pensa.

Frases destacadas sobre mim (relação interpessoal e método):

"A gente gosta dele porque ele se faz aluno na conversa. A gente não vê ele abusando do poder de professor sobre o aluno..." (João Felipe, 9º B)

"Tem relação de amigo sem perder o respeito de professor" (Davi Ramos, 9º A)

"O modo de ensinar dele deveria ser estudado pela NASA" (Alice Silva, 9º A)

"Ensina parecendo que a gente já era artista, e isso ajudou bastante" (Laís Silva, 9º B)

"Sempre procura ensinar de um modo diferente, sem ser esse método chato de quadro e caderno" (Francine Silva, 9º B)

"Natan é foda, ele sempre esteve colado com a gente. A relação com os alunos é uma coisa rara de se ver hoje em dia" (Rafael Santos, 9º A)

"Ele apostou tudo na gente, e olha que nós somos amadores no ramo do teatro (Liviane Senas, 9º A)

"O professor trabalha com seus alunos de uma maneira inovadora que nenhum outro professor trabalha. Por isso seus alunos acabam aprendendo coisas que podem levar para a vida inteira" (Agda Encarnação, 9º A)

"Do jeito que ele ensina não tem como não aprender" (Jackeline Brandão, 9º A)

"Ele nos deixou aprender com os nossos erros" (Lucia Milena, 9º C)

"Natan é um professor direto e objetivo, brinca quando pode e é direto quando preciso. Tende a tomar decisões que agrade a todos" (Victor Daniel, 9º C)

"Se ele vê algo errado ele pede pra parar e começa tudo de novo do começo" (Matheus Alves, 9º A)

"A maioria das vezes ele exige coisas que nem ele é capaz de fazer, mas isso é o bom, porque, pensando bem, se ele, todo esse tempo, não exigisse o máximo da gente não teríamos capacidade nenhuma de apresentar peças. Uma coisa que eu aprendi com Natan foi a me mostrar mais, falar mais, expressar tudo o que queremos, pois não temos que ter vergonha de nada. Com ele eu aprendi a ter mais confiança em mim mesma". (Erica Santos, 9º A)

Imagens extraídas dos questionários:

Imagen 9 – Quadro-questionário

1. Como surgiu a ideia de montar uma peça teatral?

não demore como comecei a
vistar a montar a peça mas
fizemos entre que ell so quis que
crever que fomos capaz de
fazê sem nenhuma palco.

E. Oliveira

2. De inicio o que você achou da ideia de montar uma peça?

Eu achou umas lias jolias por que serio um
aula bem difílce sem presso o unico prazo
foi apresentar esse peça

M. Alves

3. Como surgiu a história da peça?

Através de um dialogo com o professor.
Galinho.

G. Santos

4. Como surgiu o título da peça?

Numa discussão sobre o nome da história
Colégio Galinha ficou intitulada "Galinha
Branca".

P. Braga

5. Qual foi a sua função e colaboração na peça?

Amiga foi adorar qd tinha um Personagem mais
não fizer nenhuma ação e nida de teatro i sempre achar

G. Serpa

6. Você teve medo em algum momento? De que?

Em todos os momentos, por causa da lõim-
cadeira, erra fala, entra em panicos.

A. Silva

7. Que problemas surgiram enquanto montavam a peça?

Foram, existiu o desentendimento entre as turmas, fui a falta de compromisso e responsabilidade

B. Santos

8. Como os problemas principais foram resolvidos?

acabou sentiu depois da primeira apresentação e conversou a professora fez perguntas e a gente respondendo e que se fala, o que aconteceu e o que aconteceu melhorou na seguinte apresentação melhorou na seguinte.

E. Oliveira

9. Você acha que hoje você está mais confiante para encarar desafios? Porque?

sim porque fui eu que fui vergonha

E. Santos

10. Você participaria de outra peça? Porque?

Sim, gostei e quero fazer mais vezes

G. Serpa

11. Você acha que depois de participar desta peça você entende mais de teatro do que antes? Porque?

Sim, viu além da teoria, tem a teoria sobre o teatro.

P. Braga

Para você quais foram os principais aprendizados em participar deste projeto?

Em grupo, aprender, lidar, gravar, participar

A. Matos

13. Comente um pouco sobre a maneira do professor Natan Duarte ensinar e se relacionar com a turma.

Explique como ele age e expresse sua opinião.

Ele quando não sabe fala ele mundo todo isso aí tem aí é se erá de fato de fato fala isto é muito legal parabéns

G. Henrique

Fonte: Arquivo pessoal

Análise dos Resultados

O questionário demonstrou que mais da metade dos estudantes estava interessada em realizar uma peça teatral para apresentação pública, mesmo que tivessem algum medo ao longo do processo. Demonstraram compreensão acerca da eficácia do diálogo e do trabalho em grupo na solução de problemas, e se identificaram atuantes em variadas funções da montagem. O questionário também apontou que eles consideraram como maior aprendizado não as técnicas inerentes à arte teatral, mas o companheirismo, a resiliência, a perseverança e o respeito.

Mais de 60% dos jovens responderam que acharam a ideia de montar a peça boa ou ótima; 50% disseram que a ideia de montar a peça surgiu do debate em sala; 1/3 deles assumiram ter atuado em mais de uma função; 2/3 confessaram que tiveram medo em algum momento, sendo o principal deles o de não concluir a montagem do espetáculo; 30% citaram que a bagunça foi o principal problema durante os ensaios; cerca da metade deles disse que os problemas se resolveram através de diálogos; 80% dos educandos afirmaram estar mais confiantes para encarar novos desafios após participar da peça; 70% deles disseram que participariam de outro espetáculo e que hoje entendem mais de teatro do que antes; Sobre os aprendizados, apenas 12 discentes responderam que aprenderam técnicas teatrais, os demais falaram sobre trabalho em grupo, organização e autoconfiança. Perguntados sobre minha maneira de ensinar, disseram que a metodologia é boa por não se limitar a *quadro e caderno* e que posso a qualidade de escutá-los e acreditar neles.

3. CURIOSIDADES ACERCA DO PROCESSO

Este capítulo relata acontecimentos curiosos sobre este percurso pedagógico com a finalidade de revelar ‘os bastidores’ do processo. São casos ocorridos pontualmente ou periodicamente, intencionais ou acidentais, que ilustram o quanto foi complexa a sua execução.

Uma experiência sobre o desenvolvimento da autonomia

Durante o período de ensaios, numa experiência acerca do processo, visando testar a autonomia dos estudantes envolvidos, comuniquei aos educandos de uma das três turmas que eles não mais fariam parte da peça, visto que o progresso nos ensaios deles estava aquém das demais turmas. Nesse momento aos educandos foi posto um dilema: aceitar o fim da montagem teatral, ou encontrar uma maneira de solucionar o problema e reverter a minha decisão. A esta altura, último bimestre letivo do último ano de escolarização do ensino fundamental, era necessário perceber se eles possuíam ou não instrumentos suficientes para se auto gerenciar. Seria necessário que eles, mesmo sem perceber, realizassem autocrítica e que exercitassem a autoconfiança, o protagonismo e a liderança, reformulando as ideias e as colocando em prática.

O resultado foi que os educandos se reuniram em contra turno, com autorização da direção escolar, e passaram a ensaiar a peça, elegendo um estudante da turma como diretor de cena. Após uma semana me mandaram mensagem via o aplicativo *whatsapp* comunicando que desejavam me mostrar o que haviam criado, validando a minha teoria acerca do desenvolvimento da autonomia através do teatro, com base na mediação e na superação de desafios. Essa experiência testou também o enredo da peça, já que existe nele uma cena em que o diretor da escola cancela a mostra de arte e os educandos a produzem de forma autônoma.

Fayga Ostrower comenta sobre essa vontade individual e afirma que cada ser possui a capacidade de elaborar soluções, mas que a destreza se desenvolve a partir das experiências. Transcrevo um trecho seu para ilustrar este *caminho de crescimento*:

Sua orientação interior existe, mas o indivíduo não a conhece. Ela só lhe é revelada ao longo do caminho, através do caminho que é seu, cujo rumo o indivíduo também não conhece. O caminho não se compõe de pensamentos, conceitos, teorias, nem de emoções – embora resultado de tudo isso. Engloba, antes, uma série de experimentações e de vivências onde tudo se mistura e se integra e onde a cada

decisão e cada passo, a cada configuração que se delineia na mente ou no fazer, o indivíduo, ao questionar-se, afirma-se e se recolhe novamente das profundezas de seu ser. O caminho é um caminho de crescimento. Seu caminho, cada um o terá que descobrir por si. Descobrirá, caminhando. Contudo, jamais seu caminho será aleatório. Cada um parte de dados reais; apenas, o caminho há de lhe ensinar como os poderá colocar e com eles irá lidar. (OSTROWER, 2009, p. 75-76)

Percalços

Problemas inerentes à educação pública colocaram em risco a qualidade e a possibilidade da encenação acontecer: Ocorreram consecutivas suspensões de aulas por falta de água na escola e por aplicação de provas promovidas pela secretaria municipal de educação de Salvador; durante algum tempo houve diminuição da carga semanal de aulas (algumas vezes as aulas eram diminuídas de 50 para 30 minutos para a realização de reunião de planejamento escolar); alteração no calendário letivo da escola, que deslocou datas de projetos que estavam em execução, forçando a antecipação da encenação desta peça no teatro.

A realização de ensaios em contra turno e em finais de semana foram combinados com a coordenação e a gestão da escola. Fui autorizado a estar com os discentes, desde que estes possuíssem autorização de seus responsáveis. A escola preparou esse documento que informava aos pais sobre a presença destes educandos na escola, em dias e horários específicos. No entanto, um dia fui chamado pela diretora da escola para ser informado que os ensaios extras seriam cancelados. Ao perceber que sem os ensaios extras havia o risco de não haver a peça (devido ao fato de trabalharem três turmas juntas) ela voltou atrás na decisão, e os ensaios puderam continuar.

Anterior a esse episódio, um ensaio extra havia sido suspenso sob alegação de que os discentes estavam atrapalhando as demais aulas. Conversei sobre o ocorrido com os estudantes na saída da escola, e me orgulhei com a ideia de um deles: pegar cadeiras em casa e ensaiar a peça na porta da escola, chamando a atenção dos transeuntes para o fato. Apesar disso não ter se concretizado, foi gratificante a discussão e a maneira performática que esse estudante sugeriu como solução para o problema.

A falta de apoio financeiro e técnico oriundo da gestão municipal também prejudicou o processo. Mesmo solicitando apoios diversos com bastante antecedência, desde ônibus para o deslocamento de elenco e público, até itens para a confecção de figurinos, cenários e adereços, em nada fomos atendidos. O projeto ‘Arte no Currículo’ cedeu quatro ônibus para uso da escola, quantidade muito aquém do necessário. Não obtive qualquer apoio em material

de consumo para a montagem (além do pequeno estoque de itens de papelaria que havia na escola), e nem alimentação para os estudantes que durante dois dias estiveram no teatro pela manhã e pela tarde. A peça foi realizada graças à parceria firmada com a Cia BELUNA de Arte que disponibilizou equipe e material técnico, e graças ao meu investimento pessoal na ordem de cerca de R\$ 6.000,00 para a confecção de adereços, figurinos, transporte e alimentação dos envolvidos.

Acidente no camarim

Pouco antes de iniciar a primeira apresentação da peça no Centro Cultural Plataforma, um educando bateu sua cabeça no vidro da janela do camarim, pensando que a mesma estivesse aberta, quebrando-o e provocando um corte em sua testa. Quando fui informado do acidente me dirigi calmamente ao local e vi que os próprios discentes já haviam resolvido a situação: lavaram a testa do colega com água e fizeram compressa com papel toalha para estancamento do sangue. Também haviam catado os pedaços de vidro maiores e isolado com cadeiras a área da janela para evitar que outros se ferissem. O estudante acidentado se recuperou no mesmo instante, constatando ter sido apenas um pequeno corte superficial.

Este caso me emocionou, pois percebi que o grupo estava coeso, colaborando uns com os outros para além da realização de uma peça. Eles tinham resolvido problemas e tomado atitudes sem que qualquer outra pessoa, além deles mesmos, tivesse que interferir.

Comparativo visual: ensaio x encenação

Na *imagem 10* (a seguir) apresento um quadro visual comparativo de quatro cenas (com 8 imagens no total). As imagens da esquerda demonstram momentos de ensaios e as da direita as encenações no palco do Centro Cultural Plataforma durante a estreia. Nas imagens se pode perceber o ambiente e o material disponível para os ensaios em comparação com a apresentação da peça, onde havia cenário.

Imagen 10 – Quadro comparativo *ensaio x encenação*

Cena: 'DROGA'

Ensaio



Encenação



Cena: 'CHEGADA DO NOVO PROFESSOR'

Ensaio



Encenação



Cena: 'DEVER DE CASA'

Ensaio



Encenação



Cena: 'BRIGA GENERALIZADA'

Ensaio



Encenação



Fonte: Arquivo pessoal

4. DESDOBRAMENTOS

Após a realização do projeto de pesquisa algumas ações não planejadas ocorreram. Aqui apresento resumo de algumas delas.

Apresentação extra

No mês de dezembro de 2016 a peça integrou a programação da ‘Mostra de Arte e Cultura de Salvador’. A participação na mostra fez com que os discentes experimentassem uma nova dinâmica, pois ali eles não eram a única atração. A apresentação ocorreu no Teatro Gregório de Matos, espaço gerido pela Fundação Gregório de Matos, órgão ligado à prefeitura municipal da cidade, com palco em formato *semi-arena*. Esse teatro possuía menos recursos técnicos do que o Centro Cultural Plataforma, mas houve equipe profissional contratada para exercer o papel de contrarregragem (carregar, montar e desmontar cenários), diferente de antes, quando os próprios educandos eram os responsáveis por essas tarefas.

Convite

No início do mês de abril de 2017, uma diretora da rede municipal de ensino de Salvador, após contato com a diretora da Escola Municipal Alfredo Amorim, foi ao meu encontro a fim de convidar os educandos para encenar a peça num evento que ela estava organizando em sua unidade escolar. Falei sobre a impossibilidade disso, visto que os educandos já não mais estavam na escola (haviam migrado para o ensino médio). Dito isto, ela me fez o convite para palestrar numa possível atividade pedagógica com a finalidade de socializar com a sua equipe sobre o processo metodológico que resultou no espetáculo *Criativos, hein?!*. Queria entender como se fez possível desenvolver tal proposta na rede municipal de ensino de Salvador.

A ação não chegou a se concretizar pela dificuldade de conciliação das nossas agendas, mas o episódio demonstrou o alcance da proposta pedagógica, da peça e suas possibilidades de difusão.

Roda de conversa

Semanas após as apresentações no Centro Cultural Plataforma, o grupo discente recebeu um convite para participar de um bate-papo numa roda de conversa sobre o processo de montagem da peça e sobre os temas nela elencados, com estudantes da Escolab Subúrbio¹⁰ que assistiram ao espetáculo. Alguns educandos foram selecionados de acordo com suas disponibilidades e representatividade no processo (atores, diretores, figurinistas, dentre outros) para me acompanhar neste encontro onde debatemos sobre como realizar um espetáculo de longa duração; sobre a necessidade de se assumir responsabilidades; e sobre como surgiram os temas abordados no roteiro. A imagem a seguir é um registro do encontro:

Imagen 11 - Roda de conversa entre elenco da peça ‘CRIATIVOS, HEIN?!’
e educandos e professores da ESCOLAB Subúrbio



Fonte: Arquivo Pessoal

Era nítida a alegria deles de poder estar ali naquele momento, falando de si e de seu trabalho, servindo de exemplo para estudantes que ainda cursavam o ensino fundamental I, e que os enxergavam como ídolos a serem seguidos.

O convite partiu da docente Tatiana Sena, professora de teatro da Escolab, que viabilizou este encontro no intuito de fomentar em seus educandos o prazer pelo fazer teatral. Para meus discentes, foi a oportunidade de conhecer uma diferente estrutura pedagógica, já

¹⁰ Escolab: modelo pioneiro de escola-laboratório em Salvador construído através da parceria entre a Secretaria Municipal da Educação, Google e a SmartLab. A Escolab Subúrbio fica localizada no bairro Coutos e tem capacidade para atender até 600 jovens.

Informações extraídas do site <<http://educacao2.salvador.ba.gov.br/programa-projeto/escolab/>>. Acesso em 12/12/2017.

que a Escolab, situada na região suburbana da cidade, atuava com público oriundo de escolas adjacentes. Em contra turno escolar, seus estudantes participavam de variadas oficinas artísticas, esportivas e tecnológicas, num prédio que possuía um conceito estrutural diferenciado, com salas adaptadas às necessidades das oficinas.

Solicitei à professora Tatiana Sena um breve relato acerca do encontro, o qual transcrevo abaixo:

Levamos os educandos do Escolab ao espetáculo com a intenção de propiciarmos a eles a fruição de uma obra teatral. Antes de irem nós conversamos um pouco com eles. Dissemos que o espetáculo tratava de algo muito próximo do nosso cotidiano, pois trazia o olhar de outras crianças, também educandos de escolas municipais, sobre o dia a dia deles na escola. As crianças adoraram o espetáculo e, apesar de termos dito que os atores eram estudantes, só quando ocorreu a visita do professor Natan e seus educandos é que isso se tornou "crível" para eles. E olhe que se tornou real, mas eles tiveram com os meninos uma verdadeira relação de ídolos x fãs, com pedidos de autógrafo e até direito a suspiros de algumas meninas por alguns educandos/atores. Tanto através das perguntas feitas no bate papo, quanto por conversas posteriores, pude perceber que essa experiência colaborou para que eles pudessem entender melhor alguns dos elementos da linguagem, como cenário, figurino e sonoplastia. No bate papo eles puderam esclarecer várias questões sobre como acontece o processo de ensaio e se empolgaram com a possibilidade de também realizarem uma encenação. Fiquei extremamente satisfeita com o resultado obtido com essa ação junto a minhas crianças e admirada com a postura dos estudantes/atores tanto no palco, quanto no bate papo. Os estudantes/atores demonstraram muita segurança ao longo do espetáculo, apresentaram um excelente desempenho na defesa de seus papéis. No encontro no Escolab percebi que eles estavam super felizes com o resultado obtido, relataram algumas dificuldades no processo e o quanto tinha sido necessário assumirem uma postura de maior responsabilidade no curso dos ensaios para que conseguissem superá-las e que percebiam claramente o quanto tinha sido importante uma condução tanto rígida quanto amorosa por parte do professor Natan. (SENA, Tatiana, jun. 2017)

Outro depoimento que transcrevo é o do ator convidado Mércio Santana. Ele comenta sobre sua percepção acerca do desenvolvimento da autonomia dos educandos durante o desenvolvimento deste processo pedagógico:

Acompanhando as aulas de Artes do Professor Natan Duarte pude notar que ele domina os conteúdos que passa para seus educandos - e com sequência bem articulada - que acredito que ajuda muito na aprendizagem. Ao desenvolver suas atividades, percebi que são bastante adequadas aos objetivos da disciplina Artes na escola. Percebi, também, a busca em desenvolver e estimular o senso crítico dos jovens. Em relação a montagem da peça 'Criativos, Hein?!', vi na prática toda a articulação que foi feita durante o ano para culminar com a criação e improvisação dos próprios educandos na criação da montagem, dando apenas aos educandos a "estrutura" da peça, que me deixou animado e com vontade de estar ao lado deles, o que acabou acontecendo. O fato de Natan ensaiar a mesma peça com educandos de turnos diferentes me assustou muito e fiquei curioso em como ele iria solucionar a peça quando ele reunisse a todos. No dia que teve esse primeiro encontro não pude

estar presente, só ouvi os comentários da turma da tarde; alguns “revoltados” e outros que gostaram desse encontro. Alguns desistiram de participar pois se sentiram sem espaço e outros buscaram seu espaço dentro da peça, mostrando que aprenderam o que Natan já estava trabalhando durante todo o tempo: A AUTONOMIA. A autonomia dos próprios educandos, para que se governem pelos próprios meios. (SANTANA, Mércio, out. 2017)

Festival Estudantil de Artes Cênicas (FESTAC)

Desde o começo do processo foi criado um grupo no aplicativo *whatsapp* contendo os discentes das três turmas para facilitar a comunicação. Mesmo com a saída de muitos deles no decorrer do ano 2017, ainda mantive contato com alguns via rede social. Em meados deste ano, soube que iria acontecer em Salvador o II FESTAC – Festival Estudantil de Artes Cênicas. Postei o panfleto virtual da ação no grupo e os jovens se empolgaram com a possibilidade de reapresentar o espetáculo. Falei que caso quisessem, poderíamos reensaiar a peça, mas que eu não poderia me envolver tanto quanto havia me envolvido em 2016 pela *agenda apertada*. Em pouco mais de meia hora cerca de cinquenta ex-educandos do projeto se reencontraram virtualmente para debater a proposta de inscrição no festival.

Imagen 12 - FESTAC - Banner virtual



Fonte:

<<https://www.facebook.com/festacbahia/photos/a.152708858819767.1073741830.105378630219457/152709628819690/?type=3&theater>>. Acesso em 10/12/2017

Foram eles os responsáveis pelo resgate do texto e agendamento de ensaios (que ocorreram aos sábados no Colégio Estadual Costa e Silva). Para tanto, reuniram-se com a gestão escolar e geraram documento de solicitação de uso da escola, contendo dados dos envolvidos e do FESTAC, para justificar a solicitação.

Um deles agendou reunião com a coordenação de eventos do *Shopping Outlet Center* a fim de agarrar apoio para a montagem, enquanto outro, visando temporada em 2018, conversou com equipe de profissionais da Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Essas ações protagonizadas por eles demonstra o desenvolvimento da autonomia para além da discância, apontando para a emancipação social de alguns dos que fizeram parte deste processo metodológico.

A peça foi apresentada no Teatro Martim Gonçalves em 16 de dezembro de 2017, com posterior debate entre elenco, espectadores e professores da UFBA.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato aqui apresentado é uma síntese descritiva das etapas deste percurso que aconteceu durante um semestre letivo, no ano 2016, mas que não se esgotou nele. Não é uma receita passo a passo para se ensinar teatro na escola ou um manual para se desenvolver a autonomia do estudante. É um relato dos sucessos e insucessos desta busca até porque, não existe uma formula correta de se ensinar teatro na escola. O ensino do teatro não é um método científico onde elementos misturados de maneira proporcional dão sempre o resultado esperado. O que descobrimos com o passar do tempo são estratégias metodológicas que podem funcionar com determinado público para determinada finalidade.

Acredito na mediação sensível, independente de para o que ela é usada. Usei aqui para ensinar um pouco de teatro na escola pública. Pode ser usada para muito mais coisa. Pode-se conquistar muito mais do que a autonomia. Tudo depende do enfoque, do desejo. De certo, sei que se bem aplicada, a mediação sensível desenvolve vínculos, confiança, protagonismo, interesses, aptidões e também, a autonomia.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luis Alberto de. **Processo Colaborativo**: Relato e Reflexões sobre uma Experiência de Criação. Cadernos da ELT - n° 2, junho/2004, revista de relatos, reflexões e teoria teatral, da Escola Livre de Teatro de Santo André. – disponível em: <<http://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/FreeComponent9545content77392.shtml>>. Acesso em: 30/04/2017

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Ed. Civilização Brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro. 2000.

BROLEZZI, Antônio Carlos. Empatia na relação aluno/professor/conhecimento. **Encontro: Revista de Psicologia**, 2015, v. 17, p. 123-131

BULGRAEN, Vanessa C. **O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento**. Artigo. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39>>. Acesso em 22/01/2017

Duarte, Natan. Criativos, hein?! – **A mediação sensível num processo colaborativo cênico para o despertar da autonomia discente**. Artigo. UFBA. 38 p.: Il. Salvador. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 35ª ed, 2007.

GARDNER, Howard; CHEN, Jie-Qi; MORAN, Seana. **Inteligências Múltiplas Ao Redor do Mundo**. Ed. Artmed. Porto Alegre. 2010.

MOGILKA, Maurício. **O que é educação democrática?** Contribuições para uma questão sempre atual. Ed.UFPR. Curitiba. 2003.

NOVELLY, Maria C. **Jogos Teatrais**: Exercícios para Grupos e Sala de Aula. Tradução de Fabiano Antônio de Oliveira. São Paulo: Ed. Papirus, 14ª ed., 2012.

OSTROWER, Fayga – **Criatividade e processos de criação**. Ed. Vozes. 2ª edição. Petrópolis. 2009.

PARÂMETROS CURRÍCULARES NACIONAIS: ARTE. Vol. 6. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. Brasília. A Secretaria, 2001.

RANGEL, Sônia. **Olho Desarmado**: Objeto poético e trajeto criativo. Salvador: Solisluna, 2009.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. **Escola da Ponte**: Uma Escola Pública em Debate. Ed. Cortez. São Paulo. 2015.

SPOLIN, Viola. **Improvização para o Teatro**. Tradução de Ingrid Koudela e Eduardo José Amos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 5ª ed, 2010.

ANEXOS

	Pag
1. Roteiro da peça	85
2. Texto da peça	88
3. Fotos do processo e da apresentação	104

Roteiro da peça

CRIATIVOS, HEIN?!

Em 13 atos

Criação Colaborativa – Compilação Natan Duarte

Ambiente/cenário

Uma sala de aula formal. Carteiras estudantis estão posicionadas defronte à mesa do professor, onde estão dispostos objetos diversos, como livros e globo terrestre. Ao fundo há uma lousa branca e uma réplica de esqueleto humano em tamanho natural. Os alunos entram em cena de maneira aleatória, desarrumando a sala. Toca a sirene e surge a professora.

Resumo dos atos / unidade de ação

ATO 1. APRESENTAÇÃO

Início – Aqui os personagens são apresentados e o conflito se instaura. Numa sala de aula a professora regente enfarta após muitas brigas e discussões com os educandos.

ATO 2. PLANO CONTRA O NOVO PROFESSOR

Após a notícia dada pelo diretor da escola sobre a substituição iminente da professora adoentada, a turma se reúne e elabora um leque de estratégias para atormentar o novo docente contratado.

ATO 3. EXECUÇÃO DE PLANOS

Os estudantes põem em prática ações rebeldes no intuito de expulsar o novo professor da escola e incriminar uma colega por algo que não cometeu.

ATO 4. DROGA

O novo professor conhece o profissional responsável pela higienização do ambiente e dialogam acerca da educação de maneira ampla. Uma vez sozinho, na sala de aula, o servente encontra um objeto e o apresenta ao público, num monólogo acerca do uso de drogas na adolescência.

ATO 5. DEVER DE CASA

Inicia-se a transformação comportamental da turma. Ocorre debate acerca do ‘dever de casa’. (Primeira cena musicada / dança e canto ao vivo)

ATO 6. BULLING

Expõe-se o *bullying* na escola após um estudante narrar esta prática ao professor. Os educandos queixam-se da qualidade do lanche escolar e o professor sugere um novo processo de avaliação de aprendizados.

ATO 7. PROIBIÇÃO DO FESTIVAL

Contrariando os planos do regente, o diretor proíbe a realização de festival artístico na escola, e exige a manutenção da metodologia de ensino tradicional.

ATO 8. MORTE

A turma se reúne, discute e decide mudar o comportamento perverso que aplica em alguns colegas da classe. O professor dá a notícia do falecimento de um educando após um assalto. (Cena de interação com a plateia. Projeção de cenas reais de violência social).

ATO 9. REUNIÃO DE PAIS

Ocorre a reunião de pais e professores, onde se discutem assuntos como brigas, roubo de objetos, notas, assiduidade, qualidade do lanche, dentre outros.

ATO 10. BRIGA

Peripécia - Por um motivo fútil ocorre uma briga generalizada em sala, que acarreta na demissão do professor da escola, acusado de mau gerenciamento de classe.

ATO 11. DE VOLTA AO COMEÇO

Com o retorno da antiga professora, recuperada, o festival de arte é cancelado e a metodologia retorna ao tradicionalismo. Ocorre reflexão da turma, que decide realizar o festival de arte mesmo sem o consentimento do corpo gestor.

ATO 12. TEMPO

Com o passar do tempo os estudantes se dividem entre os estudos, os ensaios e a organização do festival de artes. Ocorre o período de avaliação de aprendizado. (Cena muda).

ATO 13. FESTIVAL DE ARTE

Final – Ocorre o festival de arte e o diretor anuncia a recontratação do professor anteriormente demitido para gerenciar uma nova turma no ano seguinte. (Segunda cena musicada / canto ao vivo. Interação com a plateia).

Texto da peça

CRIATIVOS, HEIN?!

Criação Colaborativa – Compilação Natan Duarte

ATO 1

- Professora - Bom dia!
- Alunos - Bom dia!
- Professora - Quem fez a atividade que eu passei?
- Aluno 1 - Aff! Eu não fiz nada!.
- Aluno 2 - A que você passou anteontem?
- Aluno 3 - Era pra fazer, é?
- Aluno 4 - Não trouxe meu caderno.
- Aluno 5 - Eu não fiz porque eu estava pegando um *boy*.
(risos)
- Aluna 6 - Eu fiz, professora! (*entrega à professora o caderno*).
- Aluno 7 - Puxa saco!
- Aluno 8 - Retardada!
- Aluno 9 - Paga pau!
- Aluno 10 - Que menina ridícula!
- Professora - Obrigada. Pode sentar! Abram o livro na página 24.
- Aluno 1 - Não trouxe o livro.
- Aluno 2 - Esqueci!
- Aluno 3 - Que livro?
- Aluno 4 - Era pra trazer, é?
- Aluno 5 - Nem ganhei.
- Aluno 6 - Livro de que?
- Aluno 7 - Borrou a minha unha!
- Professora - Então, já que ninguém trouxe o livro, irei passar atividade no quadro.
- Aluno 1 - Áh, tia!
- Aluno 2 - Não trouxe caneta.
- Aluno 3 - Eu não vou fazer, não!

- Aluno 4 - Você passa muita coisa.
- Aluno 5 - Toda hora é dever, dever, dever...
- Aluno 6 - Dê-me uma caneta, sua fanqueira de merda! (Dirigindo-se ao Aluno 7)
- Aluno 7 - Você falou o que? (*dá uma tapa no rosto da colega*)

Inicia-se uma briga entre os dois alunos. Os demais torcem e gritam. A professora tenta acalmar, mas passa mal, e cai desacordada ao centro da sala. Um dos alunos a carrega enquanto os demais chamam o diretor

ATO 2

- Diretor - Bom dia!
- Alunos - Bom dia, diretor!
- Diretor - Vejam bem, a notícia que eu tenho para dar a vocês não é nada agradável. A nossa querida e estimada professora sofreu um ataque cardíaco, e não poderá mais ministrar aulas. Porém, eu já fiz o favor de contratar um novo professor, que deve começar a lecionar amanhã. (*sai*).
- Alunos - Aqui ele não chega aqui ele não entra, porque com essa turma ele não aguenta!
- Aluno 1 - Ele está achando que vai chegar aqui e mandar na classe... Pois ele está muito enganado, meu amor!
- Aluno 2 - Quando ele chegar aqui nós vamos tocar o terror!
- Aluno 3 - Quem manda aqui é a gente!
- (Toca a sirene e os alunos saem)*

ATO 3

Alunos chegam à sala de aula, desta vez ordenados e sem desorganizar as cadeiras. Um dos alunos segue até a mesa do professor e põe um objeto em sua cadeira. Chega o novo professor.

- Professor - Bom dia, turma!

- Alunos - Bom dia!
- Professor - Eu sou seu novo professor. Chamo-me Oliver.
- Aluno 1 - Nossa, professor, que nome lindo!
- Aluno 2 - Até que enfim um professor bonito!
- Aluno 3 - Não gostei do cabelo.
- Aluno 4 - É recalque!
- Professor - Faz parte...
- Aluno 6 - Professor, o senhor é lindo! Você é gay?
- Professor - Turma, eu fiquei parte da manhã conversando com o diretor de vocês e por isso me atrasei. Vou sentar um pouco, e daí a gente conversa, troca uma ideia... e através do papo vamos nos conhecendo melhor.

Ao sentar o professor é espetado por algo pontiagudo. Os alunos riem.

- Aluno 1 - Professor o que houve? O senhor está bem?
- Professor - Algo aqui na cadeira me espetou.
- Aluno 1 - Veja: um prego!
- Professor - Que descuido!
- Aluno 1 - Pois é, deve ter caído do teto. Já avisamos ao diretor que a escola está em pedaços.
- Professor - Vou reforçar com ele, temos que ajeitar as coisas para evitar acidentes como este. Mas vamos em frente. Vou ficar em pé mesmo e aproveitar para conhecer vocês através da chamada: Alice.
- Aluna Alice - Aqui professor. Gostou do meu batom?
- Professor - Muito bonito.
- Aluna Alice - Então já pode vir tirar.
- Professor - Safira.
- Aluna Safira - Aqui professor.
- Professor - Roberta
- Aluna Roberta - Rock in roll
- Professor - Manoela
- Aluna Manoela - Presente, professor.
- Professor - Ágda

- Aluna Ágda - Eu.
- Professor - Cristiano
- Aluno Cristiano - Aqui professor
- Professor - Érica... Érica... Érica!
- Aluna Safira - Lerda, chamando você!
- Aluna Érica - Aqui professor, presente. Estou aqui.
- Aluna Safira - Ela é lerda professor, não ligue, não!
- Professor - Nina
- Aluna Nina - Sempre presente, professor.
- Professor - Veja só, outra Roberta
- Aluna Roberta - Viva Raul!
- Professor - Adriano
- Aluno Adriano - Vamos dar licença que a princesa vai falar: Adriele Sainara Esheler Taylor Couter Bittencourt, simplesmente a melhor!
- Aluna Roberta - Arrasa, amor!
- Professor - Marley
- Aluno Marley - Presente
- Professor - Bob
- Aluno Bob - Aqui professor
- Professor - Eu chamei todo mundo?
- Aluna Nina - Claro que não! Essa listagem sempre deixa alguém de fora.
- Professor - Então eu quero que quem faltou se apresente.
- Aluna Sofia - Aqui. Meu nome é Sofia. Presente professor.
- Aluna Arnaldo - Prazer meu nome é Arnaldo
- Aluno Adriano - Está querendo aparecer?
- Aluna Arnaldo - Aparecer o que, bicha?
- Aluno Adriano - Se componha!
- Aluna Arnaldo - Venha, então!
- Aluno Bruno - Aqui professor, aqui, aqui. Sou Bruno.
- Aluna Bela - Eu sou Miss Bela, e eu gosto de rebolar
- Aluna Jaqueline - Meu nome é Jaqueline, e todo mundo sabe o que é que a Jaque faz.
- Aluna Catarina - Meu nome é Catarina e estou muito ansiosa.
- Professor - Todos se apresentaram?

- Aluna Julia - Não
- Professor - Então se apresente
- Aluna Julia - Meu nome é Julia
- Professor - Só?
- Aluno Marley - Começou perguntas... Detesto professor!
- Professor - Mesmo? E quem te ensonou a andar?
- Aluno Marley - Meu pai
- Professor - Quem te ensonou a falar?
- Aluno Marley - Meu pai
- Professor - Então você quer dizer que você não gosta de seu pai, que foi o seu primeiro professor?
- Aluno 1 - Toma essa!
- Aluno 2 - Chupa!
- Professor - Então turma... Vamos começar pelo ‘dever de casa’...
- Aluna Érica - Aff! Não gosto de ‘dever de casa’!
- Professor - Você acabou de me dar uma ótima ideia: Vocês terão que escrever uma redação explicando porque não gostam de ‘dever de casa’.
- Aluna Érica - Essa ideia foi minha, professor.
- Professor - E esse é o problema de muitos professores: não aproveitar as boas ideias dos alunos...
- Aluna Jaqueline - Professor, roubaram a minha caneta.
- Professor - Como assim, ‘roubaram a sua caneta’?
- Aluna Jaqueline - Estava ali, e não está mais.
- Aluna Safira - Jaqueline, por acaso é esta a sua caneta?
- Aluna Jaqueline - É esta, sim.
- Aluna Safira - Professor, estava nas coisas de Nina
- Aluna Nina - Professor, não fui eu. Alguém colocou aí.
- Aluno 1 - Ela é ladra, professor.
- Aluno 2 - Sempre faz isso.
- Aluno 3 - De novo Nina?!
- Aluno 4 - Não aguentamos mais, professor. Tudo aqui some!
- Professor - Calma turma, vamos averiguar isso com calma. Por favor, Nina, me aguarde na sala da direção.

- Aluna Nina - Mas professor...
- Professor - Na direção!

Nina sai da sala sob gritos e xingamentos.

- Professor - Turma, vamos dar continuidade. Eu programei...

O professor é interrompido pelo som da sirene. Os alunos se levantam eufóricos e saem da sala, desorganizando-a por completo.

ATO 4

O professor começa a organizar seus pertences, que havia posto sobre a mesa. Entra na sala o Servente da escola.

- Servente - Bom dia!
- Professor - Bom dia!
- Servente - Manhã agitada, não?
- Professor - Um pouco.
- Servente - Meu nome Eliakin
- Professor - Prazer, Oliver. (cumprimenta-o e sai)

Eliakin passa a organizar as cadeiras e a varrer a sala. Algo no chão lhe chama a atenção. Abaixa-se e pega o pequeno objeto.

- Servente - Em trinta anos de trabalho nunca imaginei um dia encontrar numa sala algo assim. Eles não pensam o que estão fazendo. Por causa disto alguns matam, roubam... É horrível como destrói famílias. E a necessidade só aumenta, num ciclo que nunca tem fim...

ATO 5

Novo dia. Alunos chegam na sala de aula e se sentam. Alguns conversam. Entra o professor. Traz consigo uma pilha de papéis que põe sobre a mesa.

- | | |
|-----------|---|
| Professor | - Bom dia, gente! |
| Alunos | - Bom dia! |
| Professor | - E o ‘dever de casa’, alguém fez? |
| Alunos | - Eu! |
| Professor | - Todo mundo fez??! |
| Aluno 1 | - Claro professor, somos alunos exemplares. |
| Professor | - Mas vocês não disseram que detestavam ‘dever de casa’? |
| Aluno 2 | - Mas falar mal do ‘dever de casa’ é maravilhoso! |
| Professor | - Então, de uma a um, levantem e leiam o que escreveram sobre o ‘dever de casa’. |
| Aluno 3 | - Não gosto de dever de casa porque gasta todo o meu momento de lazer. |
| Aluno 4 | - Não gosto de dever de casa porque é sempre a mesma coisa |
| Aluno 5 | - Pois é, é sempre tudo igual: a gente só escreve, escreve, escreve. Não há nada de novo. |
| Aluno 6 | - Eu não gosto de dever de casa porque tenho coisa melhor pra fazer quando não estou na escola. |
| Aluno 7 | - Nossa, professor, foi a primeira vez que eu escrevi dez linhas! |
| Alunos | <p><i>Todo dia acordo cedo, moro longe da escola
 E quando volto dos estudos, quero almoçar.
 Ando cheio de ‘dever’ e a tarde tenho a obrigação
 Mas quando estou em casa quero cochilar
 Queria ver o professor no meu lugar
 Eu ia rir de me acabar
 Com fórmula de Bhaskara pra decorar
 É muita conta pra acertar</i></p> |

*A prof. de geografia ensinando coordenadas
 Em gramática aprendi subordinada
 Em química eu não sei o que são prótons e íons
 E em física não acerto nada
 Queria ver o professor no meu lugar
 Eu ia rir de me acabar
 Com fórmula de Bhaskara pra decorar
 É muita conta pra acertar
 Levo vida de estudante, eu chego às sete
 Fim de semana lá em casa é ver o que vai dar
 Mandei mal em história e o pior de tudo
 É que a unidade já vai acabar*

Professor - A turma está de parabéns!

ATO 6

Aluna Nina - Professor, eu não aguento mais!
 Professor - O que houve?
 Aluna Nina - Você é cego? Todos aqui nesta escola são cegos?
 Professor - Do que você está falando?
 Aluna Nina - Todos os dias me batem, me xingam, me fazem de marionete. Eu não aguento mais isso!
 Professor - Turma, vocês já podem sair para o intervalo. Nina, pode ficar um minuto? Quer contar o que há?

Os alunos saem, deixando o professor a sós com Nina.

Aluna Nina - Professor, desde sempre que todos me xingam, riem de mim, me batem... fazem de tudo, menos ser legais. É difícil ter que acordar para vir para a escola se todo dia penso ir para uma sessão de tortura.

Os alunos retornam do intervalo

- Aluno 1 - Não aguento mais o lanche desta escola!
- Aluno 2 - Todo dia mingau.
- Aluno 3 - Ou é mingau ou temos que trazer tempero.
- Aluno 4 - Acho que a prefeitura não entendeu que já estamos crescidos
- Aluno 5 - Só falta o mingau vir na mamadeira
- Aluno 6 - Professor, o senhor já provou a merenda desta escola?
- Professor - Turma eu entendo a queixa de vocês e acho muito importante discutirmos sobre isso, mas agora preciso conversar seriamente sobre outra coisa. Precisamos falar sobre a colega de vocês, Nina.

Durante o intervalo ficamos aqui conversando e ela me contou que desde o começo do ano ela sofre *bullying*. Contou sobre as agressões que sofre e saiu daqui hoje com lágrima nos olhos. Eu preciso saber: qual é a diferença de Nina e você! E você! E você! Nenhuma! Ela é como todos aqui. E a partir de amanhã eu peço, alias, eu exijo que a tratem com o respeito que ela merece. Estamos entendidos?

- Alunos - Sim.
- Professor - Ótimo. Outro assunto que quero tratar com vocês é que ao invés de adotarmos uma avaliação padrão, nós vamos realizar aqui um festival de arte.
- Aluno 1 - Hum, nem rola.
- Professor - Como assim?
- Aluno 2 - Se ligue professor, é óbvio que isso não dará certo.
- Aluno 3 - Pois eh, se a gente não acerta nem questão de assinalar.
- Professor - Que desânimo é esse, gente? Vamos, é preciso confiar. Estou pensando em...
- Aluno 4 - E o senhor já falou com o diretor sobre isso?
- Professor - Ainda não, mas eu tenho a certeza de que...

A sirene toca anunciando o término do turno de aulas. Novamente os alunos saem às pressas e em tumulto. Entra visivelmente aborrecido o Diretor.

ATO 7

- Diretor - Como assim ‘festival de arte’ pra um bando de marginais?! Quer dizer que agora você trama pelas minhas costas? Trabalha na minha escola e tomam decisões sem me consultar?
- Professor - Boa tarde, diretor!
- Diretor - Boa tarde? Recebo essa bomba e você vem me dizer ‘boa tarde’?!
- Professor - Calma, diretor, eu ia falar com o senhor.
- Diretor - Ia mas não falou.
- Professor - É que antes eu precisava sondar os alunos...
- Diretor - Sondar delinquente pra que? Se ao final do ano eles já souberem assinar o próprio nome será muito.
- Professor - Então, eu preciso conversar sobre isso com o senhor...
- Diretor - Agora? Já que você inventou isso você resolve. E espero que resolva bem, porque sua permanência aqui está em jogo.

ATO 8

Novo dia de aula. A turma entra na sala, dessa vez mais ordeira. O professor entra e segue cabisbaixo para a sua cadeira.

- Aluno 1 - Professor, depois daquilo que o senhor falou ontem a gente conversou e viu que está mesmo pegando pesado com Nina.
- Aluno 2 - Pois é. Resolvemos que vamos pedir desculpas a ela assim que ela chegar.
- Aluno 3 - E também prometemos que não vamos mais fazer isso. Ao menos eu prometo, os outros eu já não sei.
- Professor - Turma, precisamos falar. Muita coisa acontece numa escola. Algumas a gente pode evitar e outras são fatalidades. Neste pouco tempo que estou com vocês tenho aprendido muito, e sei que às vezes fazemos ou dizemos coisas que não queremos e acreditamos que com o tempo tudo se resolve ou que podemos deixar pra depois... Hoje, assim que cheguei, fui chamado na sala da direção para receber uma péssima notícia, que preciso compartilhar com vocês. Infelizmente vocês não poderão se redimir com Nina. Ela vinha acumulando muito sofrimento, e parece que ontem foi a gota d’água. Não sei se parte da

culpa é minha porque eu disse a ela que ela precisava reagir... Ontem a amiga de vocês foi vítima de um assalto, e aparentemente ela ouviu meu conselho, só que na hora errada... Ela reagiu... Ela chegou a ser socorrida, mas não resistiu...

ATO 9

Um tempo se passou. Surge Eliakin, o servente, e a antiga professora. Em seguida entra na sala o professor Oliver.

- Servente - Boa Noite Professora. Como a senhora está? Recuperada?
- Professora - Vou indo, né Eliakin. Às vezes bem, às vezes nem tanto.
- Servente - E quando volta?
- Professora - Se dependesse de mim não voltava mais nunca pra este inferno.
- Professor - Bom dia.
- Servente - Bom dia professor Oliver. Já conhece a professora?
- Professora - Então você é o coitado que está com aqueles marginais?
- Professor - Não fale assim deles, com o tempo eles tomam jeito.
- Professora - Meu coração que o diga. Quase me mataram.
- Professor - Fiquei sabendo. Mas como está, melhorou?
- Professora - Na medida o possível. E você, como eles tem lhe tratado?
- Professor - Confesso que no começo foi um pouco difícil, não só pelos alunos, mas pela própria estrutura do ensino. Imagine que me espetei num prego que caiu do telhado bem na minha cadeira, no primeiro dia de aula...
- Professora - Prego do telhado?
- Professor - Pois é...
- Professora - Sei... Culpa do telhado... Juro que a escola seria muito melhor sem esse tipo de aluno.
- Professor - Às vezes acho que o que deve mudar é a escola, da estrutura física à gerência...
- Servente - Eu acho que deveria haver mais reuniões com pais.
- Professora - Eles não vêm uma vez por unidade...
- Servente - Mas pai e mãe tem obrigação de educar o filho... Ao professor deve ser garantido o direito de lecionar sem precisar dar a

educação doméstica... Não pode o pai achar que é responsabilidade do professor todo o aprendizado do jovem...

- Professora - Na teoria isso é ótimo...
- Professor - Olhem, os pais começam a chegar.
- Pais - Boa Noite!
- Professores - Boa Noite!
- Professor - Então pais, estamos começando aqui mais uma reunião entre escola e responsáveis. Primeiro peço desculpas pela ausência do diretor, mas ele teve que sair pois foi convocado para uma reunião emergencial na secretaria de educação e não poderá estar conosco.
- Pai - Já era de se esperar.
- Professor - Início pedindo desculpas pelo atraso, mas precisamos esperar os responsáveis... Vocês entendem, não é? Tentarei ser o mais breve possível...
- Mãe 1 - Pois é, porque eu tenho horário marcado no salão daqui a pouco. Vamos acabar logo com essa palhaçada.
- Pai de Adriano - Oxente, dona! Tenha calma!
- Mãe 1 - Pois eu estou muito calma, eu e a comida que deixei no fogo.
- Professor - Vamos começar... A mãe de Safira está?
- Mae de Safira - Estou aqui.
- Professor - Bem mãe, sua filha anda se metendo em confusão e...
- Mae de Safira - Claro! Todo dia ela chega em casa dizendo que os alunos ficam jogando bolinha de papel e não deixam ela estudar. Aliás, era pra isso a reunião? Isso você falava pelo celular, né? Me dê aí o boletim dela. (*pega o boletim e sai*)
- Pai de Adriano - Mas que povo mal humorado aqui da capital. Vixe!
- Professor - Quem é o responsável de Adriano?
- Pai de Adriano - Sou eu mesmo professor, pode falar.
- Professor - Seu filho é um bom menino... Está na fase de paquerar e seria bom uma conversa para que isso não atrapalhe os estudos.
- Pai de Adriano - Meu filho é cabra macho! Puxou ao pai.
- Professora - Bem, não sei se puxou ao pai não. Porque ele gosta mesmo é de brincar de boneca e paquerar os meninos e...
- Pai de Adriano - O que?! Mas isso é coisa que a senhora diga de filho meu?! Filho meu é homem! Fale alguma coisa Adriano.
- Aluno Adriano - Mas pai... Sabe como é...

- Pai de Adriano - Não, não sei como é não!
- Aluno Adriano - Mas eu não sou viado não, pai. Meu namorado é que é.
- Pai de Adriano - Namorado?! (*ambos saem*)
- Mae 2 - E que história é essa de só ter mingau de merenda nesta escola?
- Mae 3 - Isso é de menos, minha filha tem que trazer papel higiênico de casa.
- Professora - São muitos assuntos para tratar em pouco tempo, mas quero falar do motivo de eu estar afastada. Como sabem passei mal em sala devido ao mau comportamento dos filhos de vocês...
- Pai 1 - Meu filho não! O dos outros porque o meu eu dou educação.
- Mae 4 - Você quer dizer o quê? que seu filho é santo?
- Pai 1 - O da senhora pode não ser, mas o meu eu tenho certeza que não é vagabundo.
- Professor - Pais acalmem-se, estamos aqui para buscar solução e não gerar mais problema. O responsável de Júnior está?
- Mãe de Júnior - Aqui professor.
- Professor - Mãe, seu filho tem tirado notas baixas.
- Mãe de Júnior - Não diga!
- Professor - Ele é muito brincalhão e...
- Mãe de Júnior - Não creio!
- Professor - No entanto eu acho que...
- Mãe de Júnior - Mas esse menino! Não precisa falar mais nada, vou pegar ele em casa.
- Professor - São muitas coisas, e em uma reunião só a gente não dá conta.
- Mae 5 - Se não dá conta, pra que então me fazer perder tempo? Pensei que era só pra pegar o boletim.
- Pai de Nina - Com licença. Acompanhar seu filho na escola não é perder tempo. Talvez se eu tivesse acompanhado mais a minha filha ela ainda estivesse aqui, e talvez eu estivesse preocupado apenas com comida, salão de beleza e notas... Sempre foi a mãe dela quem vinha aqui nas reuniões, e creio que devia ter o mesmo comportamento de vocês. Mas hoje eu vim porque queria conhecer as pessoas que deveriam educar os filhos para que pessoas como eu não chorem a dor da perda... Hoje foi a minha Nina... Amanha pode ser a Nina de qualquer um de vocês...

ATO 10

Mais um dia de aula. Os alunos chegam na sala e acomodam-se sem grande euforia. Entra o professor Oliver.

- Professor - Turma, bom dia! Hoje vou começar a aula já passando ‘dever de casa’. Por favor copiem isso que escreverei no quadro.
- Aluna 1 - Professor, posso ir ao banheiro?
- Professor - Pode sim.

A aluna sai e o professor volta a escrever enquanto os demais copiam. Ela retorna, e ao tentar sentar na cadeira, esta é puxada por outro alunos, e a garota cai no chão. Inicia-se com isso uma briga generalizada na sala. O professor tenta intervir, mas também é agredido. O mobiliário é danificado. Entra aos gritos o diretor.

- Diretor - Mas o que é isso na minha escola? Que zona é essa? Todos vocês: já para casa! Estão todos suspensos. Só retornem amanhã, e acompanhados de seus responsáveis. Quanto ao senhor (*dirigindo-se ao professor Oliver*), eu não te falei que a sua cabeça estava em jogo? Na minha sala imediatamente. (*sai*)

ATO 11

No dia seguinte os alunos chegam cedo à escola. Organizam a sala e conversam entre si. Ouve-se uma voz cumprimentando do corredor.

- Professora - Bom dia!
- Alunos - Bom dia professor Oliver...

A professora Zafira entra na sala surpreendendo os alunos

- Professora - Professor Oliver? Vocês estão me confundindo com ele? Vamos

por novamente ordem aqui.

- Aluno Adriano - Mas o professor Oliver é o nosso novo professor e...
- Professora - Ex-professor. Estou de volta.
- Aluno Bob - E nosso festival de arte?
- Professora - Festival de que? É óbvio que qualquer coisa que vocês tenham pensado está cancelada. Como acabei de falar, eu voltei e vocês voltarão aos trilhos. Abram o caderno, pois passarei atividade no quadro... Quem não trouxe depois copie do colega.

Todos os alunos retiram cadernos de suas mochilas e posicionam-se para copiar, surpreendendo a professora.

- Professora - Preciso saber quem ousou faltar hoje. Um momento que vou buscar a caderneta. (sai)
- Aluna Jaqueline - Gente, que loucura está acontecendo aqui? O professor Oliver foi demitido por nossa causa. A professora quase morreu. E por falar em morte, coitada de Nina... Tudo por nossa causa! Lembro-me bem das palavras de Oliver: “às vezes achamos que podemos deixar para consertar depois”... Eu acho que o ‘depois’ já chegou, e temos que mudar agora!
- Aluna Érica - Podemos começar realizando o festival de arte, com ou sem o aval da professora.
- Aluno 1 - Tem que ter dança! Eu me responsabilizo por coreografias.
- Aluno 2 - Faço os cartazes!
- Aluno 3 - Vamos encenar Shakespeare!

ATO 12

O tempo passa. Os alunos se empenham em realizar as tarefas. Seu comportamento muda notoriamente. O corpo docente percebe a mudança de comportamento e permitem a realização do festival de arte. Ao término do ano letivo a maioria é aprovada.

ATO 13

Chega o dia do festival de arte e os alunos realizam várias performances. Estão presentes o diretor, a professora Zafira e o servente Eliakin. Surge o professor Oliver.

- | | |
|------------|---|
| Diretor | - Oliver, meu caro, o que faz por aqui? |
| Professor | - Recebi um telefonema em seu nome me convidando para aparecer hoje na escola. E pelo visto estão em festa. |
| Professora | - Seu festival de arte... |
| Professor | - Que bom que vocês realizaram... |
| Professora | - Na verdade foram eles... Graças a você... |
| Diretor | - E aproveitando que você está por aqui... Ano que vem devemos ampliar o número de turmas, se você tiver interesse... |

Fim

FOTOS

do processo e da apresentação

A seguir apresento uma compilação de imagens representativas do processo, divididas em:

1. Aulas-ensaio
2. Ensaios extras
3. Criação técnica
4. Bastidores / camarim
5. Execução técnica
6. Encenação

1. **Aulas-ensaio** (Imagens 13, 14, 15, 16, 17 e 18 – Fonte: Arquivo pessoal)

13



14



15



16



17



18



2. **Ensaios extras** (Imagens 19, 20, 21, 22, 23 e 24 – Fonte: Arquivo pessoal)

19



20



21



22



23

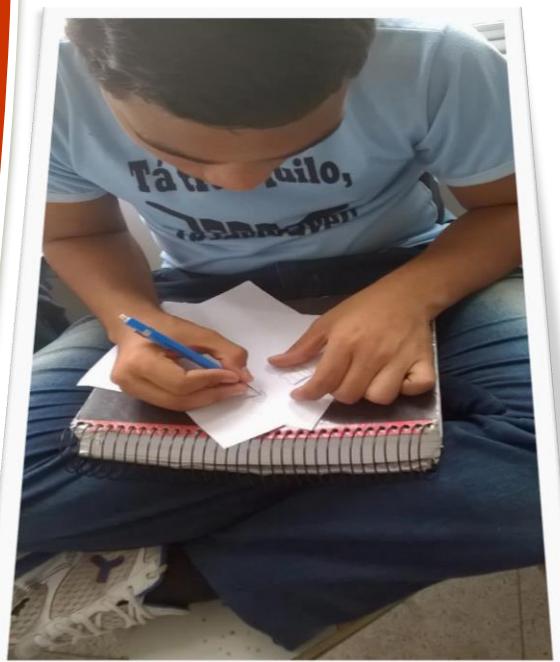


24



3. **Aulas técnicas** (Imagens 25, 26, 27, 28 e 29 – Fonte: Arquivo pessoal)

25



26



27



28



29



4. **Bastidores / camarim** (Imagens 30, 31, 32, 33, 34 e 35 – Fonte: Arquivo pessoal)

30



31



32



33



34



35



5. Execução técnica (Imagens 36, 37, 38, 39, 40 e 41 – Fonte: Arquivo pessoal)

36



37



38



39



40



41



6. **Encenação** (Imagens 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49 e 50 – Fonte: Arquivo pessoal)

42



43



44



45



46



47



48



49



50



NATAN CARLOS RAPOSO DUARTE
natanraposo@hotmail.com
Site oficial da pesquisa
www.criativoshein3.webnode.com

PROFARTES – UFBA
Salvador - 2018